FRANCISCO MARQUELINO SANTANA

AMAZÔNIA
SINGULAR E PLURAL

Atena
Editora
Ano 2024

FRANCISCO MARQUELINO SANTANA

AMAZÔNIA

SINGULAR E PLURAL

Atena
Editora
Ano 2024

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Camila Alves de Cremo
Ellen Andressa Kubisty
Luiza Alves Batista
Nataly Evilin Gayde
Thamires Camili Gayde
Imagens da capa
iStock
Edição de arte
Luiza Alves Batista



LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES

Amazônia singular e plural

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Francisco Marquelino Santana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S232 Santana, Francisco Marquelino
Amazônia singular e plural / Francisco Marquelino Santana. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2430-7
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.307241204

1. Amazônia. 2. Meio ambiente. 3. Conservação. I. Santana, Francisco Marquelino. II. Título.

CDD 918.11

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.


MPitinerante
Cidadania em Todos os Lugares
MINISTÉRIO PÚBLICO
DO ESTADO DE RONDÔNIA
em defesa da sociedade
RONDÔNIA

A Amazônia embelecida e estetizante está perdendo o seu deslumbramento e esplendor diante do avanço desenfreado do capital exacerbado que cotidianamente asfixia e encurrala as populações originárias e tradicionais do seu habitat natural.

Condenadas e extirpadas a contínuas desterritorializações, essas briosas coletividades continuam resistindo aos ataques avassaladores do neoliberalismo delituoso e da degradação horripilante do desdém da globalização em ascensão. Os efeitos hostis dessas ações desregradas e excludentes, coloca a florestania em estado de incúria e descalabro, promovendo de forma ardilosa o advento esdrúxulo e espoliador da inépcia institucional vigente.

Os povos da floresta estão condenados ao malogro e ao labéu da mendicância, enquanto os seus ancestrais modos de vida são perniciosamente obliterados pela força pugnaz do capitalismo e pela negligência estatal desregrada que sem comiseração, tolerância e brandura, corriqueiramente, contribuem para o clarividente apogeu do ecocídio planetário.

As almas amazônicas estão sendo criminalmente desalojadas do brioso ato de ser, o dilaceramento das relações entre o homem e a natureza são visíveis e as memórias coletivas do lugar estão caindo odiosamente na invisibilidade social execrável.

O espaço vivido do ontológico mundo sócio-linguístico-cultural padece diante de estereótipos e estigmatizações, oriundos de uma sociedade envolvente reacionária que continua promovendo seus embrutecidos ataques a uma Amazônia singular e plural.

SUMÁRIO

A ABSURDEZ HUMANA NA AMAZÔNIA..1
A CASA DE DEFUMAÇÃO E A ESCOLA DE GERAÇÕES 2
A CASA E O SER 4
A CELEBRAÇÃO MÍTICA DE CRIAÇÃO DO MENINO-BOTO..................6
A FUMAÇA DO BUIÃO 8
A GENEROSA CASA RIBEIRINHA E A DIVINAL CURA DO LAR..............9
A HERMENÊUTICA ONTOLÓGICA DO LUGAR 11
A MULEMBA E A SERINGUEIRA 13
A SOMBRA DOS VELÓRIOS FLORESTAIS 15
A SUBSTÂNCIA ONTOLÓGICA RIBEIRINHA NAS FRONTEIRAS DA AMAZÔNIA 17
A VIDA NO BATELÃO RIBEIRINHO - PARTE I 19
A VIDA NO BATELÃO RIBEIRINHO - PARTE II 21
AFUGENTANDO SABERES E DESALOJANDO ALMAS.......................23
AMAZÔNIA DAS LÍNGUAS ENTRELAÇADAS - PARTE I......................25
AMAZÔNIA DAS LÍNGUAS ENTRELAÇADAS - PARTE II.....................29
AMAZÔNIA DAS LÍNGUAS ENTRELAÇADAS - PARTE III 32
APENAS UMA CASA...34
AQUI TEM GENTE - PARTE I 36
AQUI TEM GENTE - PARTE II 38
AQUI TEM GENTE - PARTE III..40
AQUI TEM GENTE - PARTE IV 42
AQUI TEM GENTE - PARTE V 44
AQUI TEM GENTE - PARTE VI 45
AS FLORES DA GUERRA...47
AS PALMATÓRIAS DA VIDA...49
AS SOMBRAS DA EXCLUSÃO 50

SUMÁRIO

AS VEIAS ABERTAS DA MÃE DA SERINGUEIRA 52
ASSOMBRAÇÕES DOS SERINGAIS AMAZÔNICOS 54
COISAS DA AMAZÔNIA 56
DA CAATINGA AO SERINGAL - PARTE I 57
DA CAATINGA AO SERINGAL - PARTE II 59
FILOSOFANDO O LUGAR - PARTE I..66
FILOSOFANDO O LUGAR - PARTE II...68
FILOSOFIA DAS HORAS MORTAS - PARTE I 70
FILOSOFIA DAS HORAS MORTAS - PARTE II 72
JUSTIÇA, FOGO E VIDA..73
LIÇÃO DE VIDA 74
O DIA EM QUE O SERINGAL PEDRA CHORONA CHOROU.................75
O ENCONTRO DOS DEUSES BRASIVIANOS - PARTE I 77
O ENCONTRO DOS DEUSES BRASIVIANOS - PARTE II 79
O ENCONTRO DOS DEUSES BRASIVIANOS - PARTE III 81
O HOMEM, A TERRA E O BEM VIVER 83
O MALOGRO DAS ÁGUAS E O ADVENTO DAS DUNAS BRASIVIANAS..........85
O PESO DA MATA 87
O TAPIRI BRASIVIANO 89
OS MARCADORES COSMOGÔNICOS DOS SERINGAIS AMAZÔNICOS..........91
OS MARCADORES FUNCIONAIS DOS SERINGAIS AMAZÔNICOS.......93
OS MARCADORES INSTRUMENTAIS DO SERINGUEIRO....................96
OS MARCADORES LINGUÍSTICOS DOS SERINGAIS AMAZÔNICOS.....98
OS MARCADORES MUSICAIS DOS SERINGAIS AMAZÔNICOS..........101
OS REMÉDIOS DA MATA 104
OS SABERES ORIGINÁRIOS E A DESCOLONIZAÇÃO AO SER...........106

OS SILENCIADOS DA BORRACHA 107

OSSOS DA MATA 109

PARA ONDE FORAM OS BRASIVIANOS? - PARTE I 111

PARA ONDE FORAM OS BRASIVIANOS? - PARTE II 113

PORONGAS DA CONSCIÊNCIA..116

RIO MAMU - PANDO - BOLÍVIA - PARTE I 118

RIO MAMU - PANDO - BOLÍVIA - PARTE II.....................................121

UM ENCONTRO DE ÁGUAS BRASIVIANAS NA FRONTEIRA BRASIL - BOLÍVIA 123

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 125

SOBRE O AUTOR 132

SUMÁRIO

A ABSURDEZ HUMANA NA AMAZÔNIA



Figura 01. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F.M.

A Amazônia divinizada e o imaginário privilegiado dos seus povos originários e tradicionais estão de forma delinquente sendo assolados pela ganância do poder danoso do capital.

A substância ontológica do homem e o seu imaculado axioma da vida estão se exaurindo diante do descalabro ético e moral que na mais desmedida devassidão e embuste, provoca sem comiseração o extermínio causticante do exuberante mundo amazônico.

A ausência de uma visão holística e humanitária de mundo, culmina nos caminhos malévolos do ecocídio planetário. A exuberância cósmica da mãe terra está visivelmente perdendo a volúpia prazerosa dos seus sentidos e sendo esdruxulamente condenada pela mácula humana a perder a sua estetizante e colossal virtuosidade florestal.

Cada árvore que tomba é uma vida que perde a humanidade e cada coletividade ameaçada pelo ódio é uma prova incontestável do desregramento estatal e da cobiça aviltante da sociedade envolvente.

A escabrosidade daqueles que desterram e arrebatam as coletividades do seu lugar original, que exploram e surrupiam as suas riquezas naturais, que envenenam as matas e rios e que promovem o advento de um conciliábulo espoliante e tenebroso, são elementos comprobatórios da absurdez humana na Amazônia.

A CASA DE DEFUMAÇÃO E A ESCOLA DE GERAÇÕES



Figura 02. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F.M.

O seringal é dividido em várias colocações. A colocação é a área de habitação do seringueiro e que é geralmente constituída de duas a seis estradas de seringa, local onde ele realiza a atividade de extração do látex para a fabricação da borracha, e que possui em média, cerca de 150 a 200 árvores em cada estrada.

É na colocação onde o seringueiro constrói sua casa de morada, o tapiri (barraca de palha) com paredes e assoalho de Paxiuba (Socratea exorrhiza), uma espécie de palmeira da região, que depois de derrubada, ela é cortada ao meio e batida, tornando-se de grande utilidade na construção de sua moradia. Próximo a esta moradia, o seringueiro constrói também um pequeno tapiri, uma barraca de palha sem a necessidade de utilizar a Paxiuba, visto que é aberto e de chão batido. É neste pequeno tapiri, também denominado casa de defumação, e instalado em sua colocação que o seringueiro constrói o buião, destinado a defumação do látex, e a fabricação da "péla" de borracha, dois importantes marcadores territoriais fabricados dos seringais amazônicos.

Quando a família é numerosa, nas madrugadas, antes do início do corte da seringa, a movimentação é grande no interior da barraca. As filhas, ou a filha única, e a mãe ajudam a fazer o café, esquentam ou fazem a "boia", a comida. Os filhos homens acompanham o pai que lhes ensina o ofício, enquanto os filhos mais velhos ensinam os mais novos e o ambiente de trabalho envolve a todos.

A casa de defumação como marcador territorial histórico tornou-se uma tradicional unidade familiar, síntese do resultado de uma existência humana criadora de cultura e alicerçada nas obras da natureza. Nesse espaço de ação, o tapiri aloja os sentimentos da família. A linguagem do espaço vivido é repassada ao lar como a mais natural forma de se criar e manter uma tradição. A presença humana lapida a existência, e a busca pelo conhecer dessa existência, é também a busca pelo conhecer do ser

O seringueiro criou o pequeno tapiri num encontro de espacialidades, territorialidades e temporalidades. Nesse encontro, a humilde barraca de palha, marcou profundamente os seus modos de vida, transformando-se num dos mais tradicionais marcadores territoriais dos seringais amazônicos. De fato, esse peculiar contexto sócio – histórico – cultural nos ensina que esses laços familiares nasceram imbricados à casa de defumação, e que por sua vez, constituiu uma singular e notável escola de gerações.

A CASA E O SER



Figura 03. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F.M.

No altívolo voo da alteridade do ser, por mais alto que se chegue ao imaginário devaneante do homem, a casa permanece aberta às confissões, e segura para doar toda a sua fortaleza à proteção aprazível do lar.

Gaston Bachelard nos esclarece que na vida do homem, a vida afasta contingências, e multiplica seus conselhos de continuidade. O autor nos diz que a casa mantém o homem seguro das tempestades do céu e das tempestades da vida. Dessa forma Bachelard nos esclarece que a casa é corpo e é alma, e se torna o primeiro mundo do ser humano. Podemos assim dizer que a casa oferece ao ente um mundo de oportunidades para que este ente possa fenomenologicamente preencher o seu ser no aconchego do transcendental abrigo da vida.

Bachelard nos informa que o ser é imediatamente um valor, e que a vida começa bem, começa fechada, protegida, e agasalhada no regaço da casa. Enquanto isso o filósofo Martin Heidegger ressalta que no sentido fenomenológico, fenômeno é somente o que constitui o ser, e ser é sempre ser de um ente. É na concatenação da casa com o homem e com o lugar vivenciado que este ente vai cotidianamente preenchendo o seu ser. Não importa se é no sentimento do belo ou no sentimento de angústia, pois na verdade ambos os sentimentos invadirão o ser e se alojarão na alma.

Quer no impoluto, quer no desbrio, a casa é um lugar do aconchego, e é no aconchego do lar que os humanos pedem proteção aos deuses da exuberância cósmica nos seus momentos de devaneios e exaltação desmesurada dos sentidos. É na poética da realidade mítica da imaginação do homem amazônico, por exemplo, que tudo se imbrica e que tudo naturalmente se organiza, pois conforme narra João de Jesus Paes Loureiro – A arte como encantaria da linguagem – *"Na Amazônia inventamos nossos mitos encharcados de poesia para podermos viver na desmedida solidão de rios e florestas. Mitos de encantados que são o próprio recolhimento da palavra no sagrado dos mitos, até que a palavra se torne, ela mesma, o sagrado que se mostra na poesia".*

É na estesia da fabulosa mata, na fascinação deslumbrante das águas, no imensurável quintal ornado de flores, no fulgente brilho do sol, no luzir irradiante da lua, e nos alimentos arrancados generosamente do chão, que o homem se reconhece como ator de um lugar holisticamente entrelaçado entre a casa e o ser.

A CELEBRAÇÃO MÍTICA DE CRIAÇÃO DO MENINO-BOTO



Figura 04. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F.M.

Na poética do imaginário dos seringais fronteiriços da Amazônia Sul – Ocidental brasileiro – boliviana, os deuses míticos dialogam e convivem cotidianamente no sentido de oferecer de forma devaneante, sobrevivência e felicidade ao tradicional e telúrico lar ribeirinho divinizado.

Certo dia uma criança navegava tranquilamente num batelão em companhia do pai e da mãe nas águas do rio Mamu – afluente do rio Abunã – quando repentinamente surge um forte temporal e o batelão começa a naufragar devido à chuva e a força incontrolável do vento. Com o seu poder transcendental a mãe-d'água brasiviana consegue equilibrar o batelão, mas infelizmente a criança não consegue se equilibrar e cai no rio. Ela é levada por uma violenta correnteza e desaparece misteriosamente nas profundezas das águas do Mamu.

Em visível estado de penúria, dor e lamentação, os pais da criança ficam desolados e retornam esmaecidos e extenuados ao Lúgubre tapiri. A liberdade parece entrar em degredo, a felicidade rui consternada, as forças obstinadas agora estão exauridas, e o seringal outrora colossal se transforma numa espécie de gólgota ou calvário. Diante de tamanho suplício e tormento daquele virtuoso lar, o pai da mata em estado de comiseração decide agir e solicita providências imediatas da mãe-d'água brasiviana, e esta atende prontamente o pedido do Deus protetor da floresta.

Com a sua eloquente e maviosa voz, a mãe-d'água brasiviana inicia um melodioso e estesiante canto nas embelecidas águas do dadivoso rio Mamu. Os seus cabelos resplandecentes se espalharam no leito e às margens do rio, amarrando-se às raízes das árvores e formando uma prodigiosa rede de união entre a mata e o rio. O enigmático e inefável canto, atraiu centenas de botos que juntos formaram uma espécie de cordão umbilical que ligava a origem da vida até o fecundíssimo útero das águas. Nesse espaço mítico-transcendental os botos pulavam e mergulhavam abraçando-se de alegria no colo da mãe-d'água brasiviana em estesia.

Era madrugada e o dia estava quase amanhecendo, quando a mãe órfã acordou sob os estampidos irradiantes de uma prodigiosa festa. Uma brisa encantatória alojou-se viscosa no complacente tapiri. Na volúpia da exaltação dos sentidos, a mãe correu impoluta até à beira do rio e avistou a natureza deslumbrante celebrando na sua forma divinal, o renascimento prodigioso da vida. Num cenário fluvial de harmonia e fascinação, os botos imensuravelmente formaram um deslumbrante círculo no leito do rio. No centro do círculo eles festejavam o surgimento inefável de uma nova vida: a vida do menino boto. O menino boto foi arremessado para cima para que a sua mãe o avistasse. Na cabeça do menino boto apareceu a irradiante imagem de seu filho que acenava e gritava de felicidade: - mamãe vem brincar comigo!

Possuída pela emoção de paz e alegria, a mãe mergulhou para rever o filho, e juntos eles comemoraram a divinal ressureição da vida. Alegre por saber que o seu filho agora é um adorável menino boto, emocionada a mãe contou ao pai o que havia acontecido, e o pai tomado de felicidade ajoelhou-se e chorou agradecendo ao pai da mata por ter atendido em oração ao seu peculiar pedido: trazer o seu filho de volta.

Os seringueiros brasivianos assistiram a um cosmogônico e devaneante espetáculo num cenário sagrado montado pelo pai da mata sobre as águas divinais do rio Mamu. As encantarias da poética de fronteira intercultural estão intimamente alojadas ao ser da alma brasiviana, uma poética transcendental de vivência que simbolicamente anunciou a celebração mítica de criação do menino boto.

A FUMAÇA DO BUIÃO



Figura 05. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Apesar da absurdez humana de dominação e exploração nos antigos seringais amazônicos, os seringueiros jamais se renderam à tamanha repulsa e execração ao outro. Eles sempre resistiram de forma obstinada a essa danosa abominação de antipatia no contexto histórico de suas relações sociais.

Na estesia e deslumbramento dos seus tradicionais modos de vida, os seringueiros levantavam-se pela madrugada e saiam para cortar a estrada de seringa: sangravam as seringueiras e embutiam as tigelinhas para aparar o precioso látex.

Depois de recolher as tigelinhas, chegava a hora de acender o buião para realizar a tão esperada defumação do látex. Conforme nos informa o escritor Raimundo Ferreira, o buião consistia numa armação redonda, erguida em barro na vertical, com a base mais larga e situada sobre uma escavação no chão, onde se acende o fogo alimentado com lascas de madeiras, que produz fumaça por um orifício situado na parte superior.

É defumando o látex e banhando a borracha com seus movimentos giratórios até atingir o efeito da coagulação, que surge a tão sonhada “péla”: a borracha natural em formato de bola.

O embelecido seringal amazônico – no seu colossal mundo fenomenológico – também possui seu exuberante poder mítico transcendental, pois quem cheirou a devaneante fumaça do buião, jamais irá esquecê-lo.

A GENEROSA CASA RIBEIRINHA E A DIVINAL CURA DO LAR



Figura 06. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Na desmesurada colocação dos seringais amazônicos, o seringueiro vive concatenado com o abrigo prodigioso da casa, enquanto o inebriante rio banha-a com toda a sua voluptuosidade e honradez. A casa abre-se imponente e dadivosa para receber as divindades das águas, das matas e do universo, e nessa divinal recepção ela acolhe prazerosamente o virtuoso e brioso lar ribeirinho.

A casa ribeirinha não escuta sons cacófatos, mas houve com benignidade os sons melodiosos dos pássaros nos concertos harmônicos dos palcos florestais, concomitante aos cantos eloquentes da mãe-d'água que acalenta e pacifica o encantatório lar. O formidável encontro dos sons provoca devaneios contagiantes que preenche o homem de paz e bem viver, abrandando a casa e suavizando a sua alma em estesia.

Quando a família adoece a casa tomba entristecida. A tristeza provoca um distanciamento entre a casa e a terra. A terra parece perder a sua fertilidade, pois sente a falta da batida dos pés do homem ribeirinho nos varadouros abertos no chão. A mãe da seringueira também sente a dor, pois escuta o choro da filha lamentando-se da ausência do seringueiro acariciando a sua pele para iniciar o corte da colha à espera do sagrado leite materno. A mãe da seringueira recorre ao pai da mata e pede por compaixão que ele ajude um lar doente a se curar. O pai da mata ordena ao vento que leve uma mensagem a

uma distante colocação onde morava um benzedor. A brisa suave mensageira invade um velho tapiri e o benzedor em sonho profundo recebe a seguinte mensagem do vento: - o seu compadre está doente!

O benzedor acorda, e logo ao amanhecer do dia, ele pede ao filho mais velho que prepare o batelão e o leve até a casa do seu compadre. Ao anoitecer o batelão atraca no seringal Jerusalém, o benzedor corre apressadamente, entra na casa e encontra uma família esmaecida: o pai, a mãe e três filhos, cada um deitado em sua rede e todos em lamentável estado de exaustão. O benzedor e curandeiro acende um fogo no quintal da casa, coloca uma panela de barro no fogo com água e diversas plantas medicinais – Andiroba, Amapazeiro, Arnica, Assa-peixe, Bacaba, Cambará, Caroba e Carapanaúba – e em seguida coloca a panela dentro de casa. Ele segura um ramo de Arruda com Vassourinha, infiltra na panela, e depois esfrega o ramo na cabeça e pés de cada membro da família e começa a rezar. No amanhecer do dia vindouro a família levanta-se curada e abraçando o velho benzedor, agradece pela graça de poder continuar vivendo.

A magnitude fenomenológica dessa relevante sabedoria tradicional, infelizmente ainda continua fadada ao preconceito, a invisibilidade e ao anonimato. O benzimento como ritual de cura das enfermidades é uma singular ferramenta terapêutica que notavelmente acolhe e presta assistência, principalmente àqueles que vivem em estado de vulnerabilidade social e que não têm acesso à remédios alopáticos e à saúde pública estatal contemporânea.

A HERMENÊUTICA ONTOLÓGICA DO LUGAR



Figura 07. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Para Martin Heidegger – filósofo e escritor alemão de Mebkirch – o tema de investigação da hermenêutica é o ser-aí próprio em cada ocasião, justamente por ser hermenêutico, questiona-se sobre o caráter ontológico, afim de configurar uma atenção a si mesmo bem enraizada. Segundo o mesmo autor, somente a partir da fenomenologia é possível levantar a ontologia correspondente sobre uma base problemática firme e manter-se no caminho adequado. Nesse sentido Heidegger aponta criteriosamente o sentido de abordar, concentrar, questionar e explicar a faticidade.

A filósofa Lígia Saramago no artigo intitulado – como Ponta de Lança: o pensamento do lugar em Heidegger – nos diz que uma das primeiras associações que podemos então estabelecer no contexto do pensamento heideggeriano sobre o lugar é a sua indissolúvel vinculação com a ideia de significatividade, que pode ser também compreendida de abertura de sentido das coisas. A mesma autora nos diz ainda que o que imediatamente se mostra como fundamental nessa passagem é a importância decisiva atribuída à relação entre ser e estar em seu lugar, relação de um autêntico e essencial pertencimento de lugar. Nesse sentido podemos dizer que não há como filosofar o lugar sem filosofar o homem em suas vivências.

O geógrafo francês Eric Dardel, reforça essa ideia ao dizer que a paisagem não é em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser. Enquanto isso o filósofo YI – fu Tuan nos instiga com uma reflexão, ao dizer que um espaço se transforma em lugar à medida que adquire definição e significado. A geógrafa Lívia de Oliveira no artigo – O sentido de lugar – nos deixa uma relevante contribuição entre o lugar e o ser, ao nos informar que é o lugar experienciado como aconchego que levamos dentro de nós.

O lugar do mundo amazônico está, portanto, entranhado transcendentalmente ao ser do ente. Pertencimento e sentimento preenchem esse ser, enriquecem a alma, e celebram de forma imaginal estetizante o impoluto sustentáculo espiritual da vida. É na suntuosidade do lugar onde o homem contempla as suas encantarias florestais, engendra os seus pensamentos, entroniza e enaltece seus deuses, sobrevive sem mácula na cotidianidade da fé e do pão e adormece nos devaneios imponentes da noite escutando o remar benevolente do velho –da – canoa.

Na mata o ribeirinho apreende a diversidade das presentificações do tempo, e com o seu peculiar léxico e suas significações, ele vai metamorfoseando a linguagem da vida e sendo metamorfoseado pelas experiências e vivências da hermenêutica ontológica do lugar.

A MULEMBA E A SERINGUEIRA



Figura 08. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Os marcadores vivos são aqueles criados pela natureza. A historiadora da Universidade de Lisboa, Isabel Castro Henriques aborda a água e a vegetação, ressaltando que estes devem ser interpretados e classificados em vista da socialização. A autora cita como exemplo a Mulemba (Ficus thonningii) que determinados grupos africanos ao se deslocarem a outro local, levam consigo um ramo de mulembeira para plantar.

Essa árvore é tida por esses grupos como um anúncio da presença dos espíritos, pois de acordo com Henriques *"Se ganha raízes, tal quer dizer que os espíritos já instalados na terra, aprovam essa instalação. Se, contudo, a mulembeira seca, tal deve ser – e é – interpretado como uma rejeição dos espíritos"*. A mulemba ou figueira-africana é uma tradicional árvore da família das Moráceas, chegando a atingir de15 a 20 metros de altura.

Na avaliação do geógrafo rondoniense da Universidade Federal de Rondônia, Adnilson de Almeida Silva, os marcadores vivos poderiam ser considerados como naturais, visto que neles estão presentes montanhas, morros e cavernas – que poderiam ainda, se situar em outra subcategoria (a-biológicos), mas com a recorrência de espiritualidade e valor simbólico são considerados como referencial de abrigo, morada dos espíritos e possibilidade de geração de novas vidas.

É na vivência dos seringais da Pan – Amazônia do que nos deparamos com um dos mais relevantes marcadores territoriais vivos: a seringueira (Hevea Brasiliensis), uma árvore que chega a atingir até 30 metros de altura e com um tronco que pode variar de 30 a 60 cm de diâmetro. Face à sua relevância histórica, a seringueira tornou-se a grande propulsora de extração do látex para a produção em larga escala da famosa borracha natural.

O seringueiro possui em seu ser, um brioso respeito pela seringueira. Através da seringueira ele pode arrancar o sustendo de sua família, mesmo sob duras penas. O ex-seringueiro Osvaldo Teotônio de Paula nos diz que viveu a vida inteira dentro da mata e não havia outra coisa mais importante do que a seringueira: *"A seringueira é a nossa segunda mãe. Eu mesmo fico doente quando vejo alguém falando que foi fazer derrubada e derrubou uma infinidade de seringueira. Me dói no peito professor. Eu adoeço. Ela ainda está dentro de mim".* Disse Osvaldo Teotônio.

A SOMBRA DOS VELÓRIOS FLORESTAIS



Figura 09. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Era uma vez um harmonioso mundo - embelecido pela mata virgem e de natureza estesiante – que no seu imensurável deslumbramento, adormecia e acordava na sua mais sublime generosidade planetária.

Nesse esplendor divino e colossal, as populações originárias e tradicionais da Amazônia Sul – Ocidental brasileira, cuidava de forma briosa e impoluta desse suntuoso berço florestal, mas a mácula da sociedade envolvente reacionária culminou odiosamente na fúnebre derrocada da volúpia da vida.

Na contemplação devaneante dos sentidos, o homem e a terra entrelaçavam-se com complacência e virtuosidade, e nessa prodigiosa maviosidade, a natureza inefável, exaltava-se como uma dádiva iniludível da humanidade. De forma desmesurada e na magnitude resplandecente da alma, os guardiães da floresta continuavam relutantes e obstinados na defesa empática do seu encantatório espaço de ação. Mas a viscosidade desse mundo cosmopolita e transcendental de seus guardiães começou a tomar um rumo fútil e abrasador, culminando com a bisbórria arrogante e desprezível de atos burlescos que provocava a destruição desenfreada do homem e a terra.

O heterotópico e simbólico mundo original entrou no mais profundo deletério do desalojamento de almas, proporcionando a dor e a deploração inevitável da vida. A descomedida e desditosa raiva humana contaminou a benevolência planetária e promoveu a empáfia e soberba da sociedade envolvente, que de forma exacerbada condenou a terra a descansar na sombra dos velórios florestais.

A SUBSTÂNCIA ONTOLÓGICA RIBEIRINHA NAS FRONTEIRAS DA AMAZÔNIA



Figura 10. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Entranhados na exuberância cósmica da dimensão amazônica, os guardiães ribeirinhos e sua maviosa florestania, convivem harmonicamente no sentido de sobreviverem sem o uso da prática insolente da violência em Ascenção.

Ao propor uma cultura de paz e benevolência nas fronteiras internacionais, o homem ribeirinho demonstra possuir um formidável conjunto de valores que agrega acima de tudo uma relação de brandura e empatia com os demais povos da humanidade. Ele abraça e internaliza a fronteira do humano, uma fronteira peculiar e heterogênea que no espaço e tempo metamorfoseia-se para se transformar em liberdade.

Esses hermenêuticos ensinamentos do ser ribeirinho são apropriações resultantes do cotidiano do mundo vivido. As vivências desse espaço de ação e as apreensões materiais e imateriais dos modos de vida vão no decorrer das temporalidades, moldando significativamente os processos fáticos de reconstrução da existência humana.

Esses processos fáticos do homem ribeirinho se transformam em briosas lições que precisam ser reconhecidas e valorizadas pela diplomacia internacional de fronteira na

Amazônia, principalmente quando se trata da delituosidade nas travessias e suas atividades ilícitas. Diplomacia, soberania e beligerância, são considerados temas incontornáveis nos territórios da Amazônia, ao tempo em que se tornam indissociáveis da sua imponente rede fluvial e de sua relevante estratégia nacional de segurança fronteiriça.

Se a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica – OTCA como importante bloco socioambiental e como uma autônoma organização intergovernamental – cuja uma das missões é exatamente "promover a adoção de ações de cooperação regional que resulte na melhoria da qualidade de vida dos habitantes da Amazônia" – consideramos urgente e necessário que os organismos internacionais de segurança invistam na valorização, estudo e entrelaçamento de suas instituições com a substância ontológica ribeirinha nas fronteiras da Amazônia.

A VIDA NO BATELÃO RIBEIRINHO - PARTE I



Figura 11. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

O batelão ribeirinho tornou-se uma peculiar tradição dos seringais da Amazônia Sul – Ocidental brasileira. Ele sobrevive entranhado aos modos de vida das populações tradicionais do rio Abunã e seus afluentes da fronteira Brasil Bolívia.

O batelão ribeirinho é casa. Nele os seringueiros passam uma boa parte do tempo desenvolvendo as suas atividades, e estabelecendo metas no sentido de alcançar a relevante sobrevivência. É nele onde as coletividades amazônicas depositam a fé, a esperança e o ecoequilíbrio do mundo vivido. O batelão como casa, aloja a vida, protege o lar e abriga os imaculados sentimentos do homem e o seu imbricado relacionamento com a natureza.

O batelão ribeirinho é o principal transportador de produtos do homem seringueiro. Para o escritor e jurista Pedro Ranzi, o batelão é uma embarcação regional que serve para transportar pessoas, animais ou mercadorias, e é construído de madeira, com motor de centro ou na popa (rabeta).

O batelão ribeirinho é também regatão. Pedro Ranzi nos diz que regatão é um pequeno comércio fluvial em que se vende de tudo no batelão, sendo ao mesmo tempo, casa, armazém e escritório, e segundo o mesmo autor*: “o regatão adquire os produtos bem mais baratos nas cidades e vende aos seringueiros e ribeirinhos a preços exorbitantes e adquire os produtos regionais”.*

O batelão ribeirinho é também o local de nascimento de novas vidas. No próximo capítulo falaremos sobre o parto da mulher brasiviana ocorrido no batelão e o desfecho de luta e sobrevivência de uma mãe para trazer a sua filha ao mundo.

A VIDA NO BATELÃO RIBEIRINHO - PARTE II



Figura 12. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

O indelével batelão ribeirinho é o arquétipo das águas fronteiriças. É um marcador histórico e fluvial, e está internalizando na alma das coletividades da Amazônia Sul – Ocidental brasileiro-boliviana.

O batelão não é cenário de infortúnio e infelicidade, é cenário de harmonia e embelecimento da dinamicidade fulgente das águas. O batelão é também o lugar da mulher ribeirinha, da mulher guerreira e da mulher como símbolo de empoderamento e resistência.

O batelão é a luz do cotidiano

É o navegar consciente da liberdade

O batelão é a peculiaridade

Indissociável do ente humano

O batelão é também brasiviano

Que alimenta do homem, o sentimento

O batelão se tornou pertencimento

Justamente para não ser esquecido

O batelão é tradição do mundo vivido

Pelo seu original enraizamento

É na generosidade suntuosa do batelão onde a mulher se sente feliz e segura, e mesmo nos momentos de grandes dificuldades, ela consegue superar os seus obstáculos e desafios. Certo dia uma mulher ribeirinha precisava dar à luz, e o seu marido a leva às pressas para o Hospital Regional de Extrema de Rondônia, mas na metade do percurso a mulher agoniza de dores, e o seringueiro teve que atracar o batelão no seringal mais próximo do rio Mamu. Felizmente lá havia uma parteira que ao ser informada do fato, imediatamente providenciou os materiais necessários e se dirigiu ao batelão para realizar o parto.

Às margens do rio Mamu, a água fervia numa panela de barro, enquanto a parteira, com seus imaculados saberes tradicionais, selecionava no seu quintal algumas plantas medicinais: alfavaca, algodão roxo, mutuquinha, mulata catinga, crajirú, cravo de defunto e taperebá. A mulher deu à luz, o parto aconteceu, a criança chorou, e a parteira do Mamu, feliz ela fez mais um risco no assoalho de paxiúba da sua casa, contabilizando os diversos partos que realizou com sucesso. Viva as parteiras!



Figura 13. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

As consequências de um anátema desenvolvimentista e coercitivamente concentrador de capital fere profundamente o ecoequilíbrio amazônico. A ação predatória e afrontosa do homem, além de alimentar desregradamente o capitalismo ardil, provoca uma rede exacerbada e violentadora dos modos de vida das populações originárias e tradicionais da Amazônia em conflito.

Natureza, língua e cultura são no dia a dia extirpadas e hostilizadas pelo avassalador processo de desterritorialização das coletividades de seus suntuosos espaços vividos. Esse pugnaz e opróbrio processo condena o bem viver ao malogro e oblitera nocivamente o sentimento de perenidade do homem com a terra.

O ato de ser cosmopolita é perniciosamente alijado das divinais experiências vividas em detrimento ao insaciável ato do ter agonizante do capital. Esse clarividente antagonismo é visivelmente caracterizado pela exclusão das minorias étnico-raciais marginalizadas e pela implantação de um modelo de desenvolvimento econômico de concentração de renda globalizado e suas estratégias de exploração predatória da natureza que asfixia e viola o direito à vida e à dignidade humana.

O holocausto dos povos da floresta não cessa, o lugar outrora sagrado sobrevive fragmentado, enquanto os conhecimentos ancestrais são criminalmente enclausurados ou postos reacionariamente numa espécie de calabouço perpétuo da vida proibida de ser essencialmente vivida. O pensamento retrógrado do lucro exacerbado age como se fosse um tablado de execução pública da memória coletiva e um infortúnio desmedido e angustiante de execração ao bem viver.

Uma visão holística de mundo fortalece o enfrentamento à ignobilidade dos processos de degradação social e ecológica, e contribui briosamente para a sustentação de resistência e resiliência contra concepções estigmatizadoras que escabrosamente continuam afugentando saberes e desalojando almas.



Figura 14. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Trabalhar a pintura e a poesia em sala de aula é sem dúvida inovar um ambiente muitas vezes marcado pelo comodismo de um positivismo conservador. Acredito no pintor, tal como, no poeta, onde ambos procuram transformar as suas histórias. São atores que buscam superar as injustiças da vida social, e que ao mesmo tempo mostram os valores de uma diversidade cultural singular e heterogênea.

O pintor acredita na ética e na cidadania e acredita no resgate de valores na escola e na sociedade. O pintor sente e denúncia da dor da exclusão, da fome e da invisibilidade social vigente. O pintor ao internalizar a miséria do mundo, ao mesmo tempo ele luta incansavelmente para combater esta mesma miséria.

Através de um trabalho interdisciplinar podemos combater o preconceito linguístico através das línguas entrelaçadas, e mostrar qual a tolerância, a brandura e o respeito, podem unir as diferentes diferenças na escola e na sociedade. Nesse sentido a língua portuguesa pode se entrelaçar à diversidade cultural das línguas indígenas. Observemos um trecho do poema: o pintor e poeta:

O pintor fala, o poeta precisa ouvir
O pintor quer uma tela bem pintada
Sua tela está internalizada
E o poeta, a tela precisa sentir.
A pintura, ela agora vai existir
Nas palavras e na mente do pintor
A pintura agora também se casou
Com a arte pura da poesia
O pintor fala e o poeta a cada dia
Escreve em versos uma pintura de valor.

O pintor relata com amor
Uma cena dos seus tempos de criança
Lembra do avô de quem herdou a herança
E a cultura que o branco assassinou
Camicuã, anticapêta morreu,
Ele vive no Aico onde nasceu
Bem debaixo do atucáti ardente
Ele vive sob a cacirí crescente
Que camiri-nacuri foi quem deu.

No poema surgem os seguintes relatos: que seu avô morreu [anticapêta], mas que vivia na casa [aipo] onde nasceu. A casa ficava embaixo do sol [atucáti] ardente, e não somente do sol, mas também da lua [cacirí] crescente, que foi um presente de Deus [camiri – nacurí]. Capichi diz jamais ter esquecido a mata, da floresta [canéia], da arara [cameri], do peixe pirarucu [cunacurí] e da panela de barro [cup-ti].

Podemos observar naturalmente na riqueza sócio – linguístico – cultural do poema que estas peculiaridades regionais concentradas em cada verso, ao serem utilizadas em sala de aula, provoca e instiga, tanto o professor como o aluno a despertarem para uma reflexão crítica da leitura, da literatura, do mundo, da escola e da qualidade do processo ensino - aprendizagem.

O pintor ele fala como nasceu
E conta histórias do avô Camicuã
Ele lembra do povo Apurinã
Do Ipixuna ao Iquiri onde viveu
Remanescente, ele jamais esqueceu:
Da canéia de árvores encantadas
Da cameri voando com as passaradas
E das histórias do bicho mapinguari
Do grande peixe chamado cunacurí
E a cup-ti de gostosas cozinhadas.

Ele lembra das aipos todas queimadas
Por cariú, homem branco civilizado
Lembra do upén exterminado
Pássaro preto de rápidas voaradas.
Ele lembra das terras bem preservadas
A quiupate, a terra do seu amor
Ele era Quiqui, um menino sonhador.
Agora é um homem, um canquiti
Homem valente, um grande inhaiataí
Com o tapúti, seu arco de caçador.

No poema Capichi extravasa a sua dor e os seus sentimentos. A expressão da angústia de não poder mais pintar, ele encontrou na poesia. Foi a única maneira encontrada por ele de continuar mantendo vivas a cultura, a língua e a coletividade do seu povo. A amizade existente entre o remanescente Apurinã e o homem branco foi sem dúvida o fator que fez a diferença para que o pintor, pelo menos voltasse a sorrir. Capichi não queria outro pintor e não queria outra tela se não fosse aquela produzida pelo poeta Aristeu e respeitosamente transformada em poema.

Sibirití é sua flecha de valor
E canquiti, ele está camatinê
Está com fome, índio precisa comer.
Viu pequerí e a cutia matou
A inchiní é uma carne de sabor
E o guerreiro vai fazer um chaminá
Acende o fogo para sua carne assar
Enquanto a mãe patarica o fogo ardente
A inirú abanava sorridente
Para não deixar a chama se apagar.

Logo de início o poema poderá provocar a seguinte curiosidade: o que vem a ser canéia? Porque a canéia é formada de árvores encantadas? Onde podemos encontrar uma diversidade de árvores? Enquanto as perguntas vão provocando o diálogo, através dele, logo se perceberá que a palavra canéia estará relacionada a mata e a floresta. Outra pergunta: o que é cunacurí? Se, no poema fala do grande peixe cunacurí, logo se pode perceber que cunacurí é um peixe, mas que deve ser um peixe muito grande da Amazônia. Como existe vários, certamente o pirarucu não seria obviamente descartado.

Durante o processo de interpretação de texto, aos poucos os alunos ao serem instigados e provocados pelo poema, vão de forma dialógica assimilando com mais facilidade as questões que irão surgindo no decorrer do texto poético. Por exemplo: que [cup-ti] de gostosas cozinhadas poderá ser uma panela; que as [aipos] todas queimadas

poderão ser casas; que [cariú] homem branco civilizado, pode ser homem branco; que [quiupate] a terra do meu amor, poderá ser terra; que [tapúti] seu arco de caçador, poderá ser arco e que [sibirití] é sua flecha de valor, poderá, enfim, ser flecha.

Neste contexto, podemos observar que o próprio poema, através dos seus versos, vai naturalmente provocando o aluno a descobrir as suas respostas, e este por sua vez, vai se sentindo prazeroso com suas novas descobertas surgidas através da poesia em sala de aula.



Figura 15. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Para a pesquisadora Neusa Sorrenti, a poesia é para ser lida, ouvida, cantada, sentida, vivenciada. No segundo ciclo do ensino fundamental, o aluno já pode incursionar em atividades mais aprofundadas, seja no conhecimento de técnicas de composição, seja na atribuição de sentidos, o que não dispensa nem substitui o ler, o cantar, o ouvir, uma vez que a escola deve-se empenhar em atender o aluno na sua capacidade de viver, de modo lúdico, intuito e criativo, o conhecimento do mundo.

Retornando ao poema *“o pintor e o poeta: história de um remanescente Apurinã”*, Capichi parece voltar ao passado. Altamente concentrado, ele fala como se estivesse vivendo seus momentos de infância. Capichi não se sente mais na grande metrópole, e lembra de pequenos detalhes vivido por seu avô Camicuã. Capichi fala ao poeta Aristeu que era uma linda noite [inquetá] e Camicuã participava alegremente de uma grande festa junto ao seu povo Apurinã.

Ele participava de uma dança [xipuara] quando repentinamente cai uma forte chuva [ipurã] e todos decidem dormir. No outro dia não havia mais carne na aldeia, na noite anterior eles haviam consumido toda carne assada [ek-miri] e Camicuã acorda cedo para caçar. Com sua flecha [sibirití], logo ele consegue matar um queixada [irarí], mas foi surpreendido na disputa da caça por uma valente onça pintada [ranguití].

Camicuã havia soltado seu arco [tapúti] para tratar do queixada e não tinha como se defender da feroz e faminta onça pintada. Ele ajoelha-se, pede ajuda aos espíritos divinos e invoca seu pedido a Deus [camiri-nacuri] para salva-lo. Surge uma forte ventania na floresta e ele escuta um forte barulho. Ao olhar para cima ele avista uma grande árvore chamada Itaúba [in-akí] caindo em alta velocidade. A árvore iria esmagá-lo, mas camiri-nacuri sopra a in-akí com muita força e a Itaúba cai sobre a onça pintada e mata a ranguití.

O vento forte fez com que Camicuã caísse dentro de um igarapé [sintuanriã] e felizmente ele foi salvo pela força divina de Camiri. Feliz, Camicuã diz: - vou embora [amocipenca]. Carregando a caça, ele chegou à sua casa muito cansado, armou a sua rede [iquêco] e foi dormir. Mas ao deitar-se começa a chover e um forte raio [iutirá] mata o seu mutum [irancá] de estimação.

Camicuã ficou triste, começou a chorar, mas logo percebeu que foi uma determinação de Deus Camiri. Pois Camiri ao livrá-lo da morte, precisou tirar a vida da onça e como um aviso a Camicuã, Camiri tirou a vida do seu belo animal de estimação. Para aliviar a sua dor, ele bebe uma bebida muito forte, fermentada e extraída da mandioca [caissuma], e logo em seguida, ele adormece sob o canto sagrado de um pássaro [at-ki].

Vejamos os momentos dessa história através da linguagem poética:

A noite é bela, já chegou a inquetá
Camicuã muito feliz nunca para
Agora é festa, é dança, é xipuara
E só mais tarde a festa vai acabar.
A ipurã logo vai começar
E a chuva forte faz todo mundo dormir.
No outro dia não tem mais ek-miri
Já acabou toda aquela carne assada
Camicuã vai atrás de um queixada
E logo mata um valente irarí

Quando ele corre avista a ranguití
Uma faminta e feroz onça pintada
Desarmado ele se vê uma cilada
E pede ajuda a camiri-nacuri
Olha para o céu e avista uma in-akí
Uma Itaúba caindo em velocidade
Camiri, um espírito de verdade
Assopra o vento para salvar Camicuã
Que cai salvo lá no sintuanriã
E a Itaúba mata a onça naquela tarde.

Camicuã cheio de felicidade
Foi salvo bem dentro do igarapé
E demonstrando em Camiri-Nacuri a sua fé
Conquistou novamente a liberdade
Na lei da selva não existe falsidade
E o guerreiro ele diz: - chegou a hora.
Amocipenca, eu agora vou embora
Camicuã ele está com muita sede
E o seu sono, na iquêco, sua rede
Dentro dela ele jamais se apavora.

Camicuã arma a iquêco lá fora
E se assusta com um grande iutirá
O raio desce e mata o irancá
O seu mutum que tanto ele adora
Camicuã fica triste e logo chora
E uma caissuma ele bebe para esquecer
A bebida de mandioca tem o poder
De fazer Camicuã dormir
Ele dorme sob o canto do at-ki
E em pouco tempo ele vai adormecer.

A linguagem poética em sala de aula é muitas vezes apresentada aos alunos de forma arbitrária, como se a literatura tradicional e conservadora fosse a única fonte de saber, voltado a um processo de ensino - aprendizagem de qualidade. Não estamos aqui nos posicionando de forma discriminatória aos velhos vícios literários, mas sim, apostando em ações inclusivas, transformadoras, dinâmicas e responsáveis por práticas educativas inovadoras que proporcione a docentes e discentes, uma fonte inesgotável de inclusão e respeito às diferentes diferenças.

São práticas educativas que adotam um olhar para nós mesmos, para nossa gente, nossa língua, nossos dialetos, nossa cultura e para os nossos valores. Certamente este olhar inclusivo de ação e de reflexão à prática docente, resultará numa formação ética de respeito e tolerância a outras culturas, a outras diferenças e a outros modos de vida em sociedade.

Dessa forma estaremos atuando através de um multiculturalismo eticamente comprometido com a incansável tarefa de combater as velhas práticas autoritárias e asfixiantes, responsáveis pela manutenção de uma hierarquização estática e reacionária no ambiente escolar.



Figura 16. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

A proposta de uma linguagem poética multicultural na escola, vem justamente de encontro ao que propõe o respeito às diferenças sócio – linguístico – culturais. A poesia desperta na alma escolar o amor pelo metamorfoseamento transformador da vida. Nesse sentido, podemos dizer que devemos sempre atuar dentro de uma eticidade que nos deixe verdadeiramente compromissados em construir uma escola inclusiva, democrática e cidadã.

Ao analisarmos o poema que versa sobre a história de um remanescente Apurinã, estamos defendendo, exatamente o uso dessa linguagem poética multicultural como projeto inclusivo na escola e na sala de aula. Estamos também, procurando fazer a inclusão das minorias étnico-raciais marginalizadas num processo transparente de uma inovação curricular advinda de um contexto de práticas pedagógicas dinâmicas e inovadoras no ambiente escolar.

Dando continuidade ao poema, Camicuã consegue dormir e sonha muito durante a noite [inquetá]. No sonho ele estava nadando no Ipixuna e neste rio [uêne] ele conhece uma linda mulher [cito]. Era uma tarde [mapiã] maravilhosa para Camicuã. Mas de repente ele acorda sob um violento fogo que estava devorando a sua aldeia. Camicuã corre para salvar a vida da sua mãe, mas infelizmente ele não conseguiu manter a sua família no lugar original, e dessa forma eles tiveram que buscar sobrevivência na cidade grande.

Neste momento Capichi desiste de continuar narrando a história. Numa cadeira de rodas, o pintor Capichi fica revoltado e começa a gritar. Ele lembrou que durante a invasão de suas terras pela sociedade envolvente, ele conseguiu fugir ao lado de sua mãe, sem direito a terra nem pão. Tempos depois, a sua mãe faleceu depressiva, e a única companhia que lhe restou foi o poeta Aristeu. Capichi finalmente desabafa e conta toda sua história ao poeta. O poeta pede desculpas pelo que o homem branco fez ao seu povo. Os dois se abraçam e clamam por um mundo mais justo para todos, através da arte pura da poesia

O pintor Capichi pediu ao poeta que finalizasse a tela literária, pois sentiu de perto a destruição da floresta e o etnocídio do seu povo.

A linda história suave como uma canção
Também esbarra no coração do pintor
Ele diz ao poeta: - por favor!
- Eu senti a dor da devastação.
Essa pintura deixou triste seu coração
E essa tela não se pode rasurar.
Letras e cores se misturam para mostrar
Que é preciso plantar uma semente
Que é preciso dizer para toda essa gente
Que o velório da floresta vai chegar.

O pintor para, soluça, vai chorar
Parece ouvir o canto do uirapuru
Lembrou da avó quando fazia beiju
O cumeirí, o seu mais nobre jantar.
Tucump-tí com o seu belo cantar
Fez o pintor concluir sua pintura.
Sem tela, nem tinta, pinta a cultura
E ao poeta ele mostra a Amazônia
A poesia se transforma em insônia
E a sua tela transforma-se em leitura.

APENAS UMA CASA



Figura 17. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Na estesia do brioso lar, num quintal ornado de flores, na florescência exuberante da justiça, numa comunhão suntuosa e sem mácula, e num abrigo complacente e benévolo, sempre há uma família inefável e vivificante no aconchego inenarrável da casa.

Na obstinação pujante da família, na magnitude desmesurada da sobrevivência, na incansável luta pelo pão, no causticante mundo do trabalho, na balbúrdia das relações sociais e na execução pública do direito de morar, há sempre uma esperança transcendental para a libertação ontológica dos oprimidos.

No cativeiro afrontoso da liberdade, na abdicação do direito de amar, na extirpação do direito a fala, na execração dos renegados da terra, no alijamento das nações periféricas, no engodo enrijecido dos países hegemônicos, no escárnio esdrúxulo do ódio e na desterritorialização exacerbada do lugar, há sempre uma semente de alteridade germinando e anunciando o surgimento de uma nova vida.

Na barbárie das páginas deploráveis dos regimes neofascistas, no imbróglio xenófobo da miséria diplomática internacional, no apogeu e decadência dos Estados contemporâneos, na escabrosidade da indústria da fome, na civilização dos filhos da guerra, e no infortúnio da derrocada humana, há sempre um luzeiro proclamando o advento triunfante da paz.

Na segregação socioespacial da humanidade, na abominação truculenta da morte em vida, na absurdez bestializada do ato de matar, no despotismo desvairado de líderes mundiais, no cortejo fúnebre de entes queridos, no faccioso olhar da hecatombe dos inocentes e na hediondez repugnante dos delinquentes, há sempre uma voz de empoderamento e resistência, lutando pela vida e reivindicando uma casa para morar, apenas uma casa.

AQUI TEM GENTE - PARTE I



Figura 18. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

No distanciamento da Florestania à cidade, a casa da verde mata aparece como que execrada, diante do modelo de desenvolvimento globalizado que absorve a originalidade ontológica e sem mácula dos povos da floresta.

O Estado brasileiro fracassa quando deflagra as suas megaoperações no combate à sofisticada rede de criminalidade que assola embrutecidamente a Amazônia. A indústria da morte afronta e execra os valores impolutos das nações originárias. Os guardiães da floresta jamais se renderam no campo de batalha e continuam bravamente resistindo no combate ao colapso de suporte à vida.

A floresta tropical está sendo arrebatada de forma insolente e aversa, seus povos são tratados com ódio e beligerância, e suas lideranças quando não tem as suas vidas ceifadas se tornam alvos inocentes do conúbio, descalabro e do escárnio daqueles que espoliam as suas riquezas naturais.

As virtuosas famílias indígenas estão perdendo a sagrada volúpia da vida, o habitat natural inefável e vivificante, está se exaurindo de maneira exacerbada pelo poder reacionário do necrocapitalismo na Amazônia. Esse nefasto e tenebroso poder continua desafiando e deslegitimando os órgãos de fiscalização e controle ambiental com a sua repulsiva lógica bélica.

As organizações criminosas acreditam e reforçam que toda e qualquer ameaça que venha prejudicar os seus fraudulentos negócios, deve ser imediatamente eliminada através de suas perniciosas milícias armadas que insolentemente repudiam o sentimento de que aqui tem gente.

AQUI TEM GENTE - PARTE II



Figura 19. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

No bojo da equidade ribeirinha, o virtuoso homem da verde mata é também o homem impoluto da generosidade das águas. A embelecida e estesiante água fascina e irradia o ser, provocando um encantatório iniludível na cotidianidade da vida.

Para o geógrafo Eric Dardel, o domínio das águas é inseparável do espaço verde e está do lado da vida. Segundo o mesmo autor, o espaço aquático é um espaço líquido, torrente, riacho ou rio, ele corre e coloca o espaço em movimento. Observemos outra importante reflexão de Dardel:

“O rio é uma substância que rasteja, que serpenteia. Por sua mobilidade, pelo salto soletrado da corrente ou pelo movimento ritmado das águas, as águas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação”.

Água e homem se completam, e além do rio, a água resolve brotar ao lado da casa ribeirinha como uma espécie brilhante de olho d’água para que o imaculado lar possa banhar-se e saboreá-la de forma sublime e natural. Vejamos o que diz o filósofo francês Gaston Bachelard sobre as águas:

“Se o olhar das coisas for um tanto suave, um tanto grave, um tanto pensativo, é um olhar da água. O verdadeiro olho da terra é a água. Nos nossos olhos é a água que sonha”.

O rio e a mata exaltam a existência humana, resplandece esse encontro vivificante, provoca um relacionamento harmonioso entre o homem e a natureza, é a volúpia inenarrável do prazer dos sentidos, e é o prodigioso mundo que unifica o homem e a terra numa só alma de caráter benevolente.

É preciso atentar com complacência para os povos ribeirinhos da Amazônia, e é necessário que o poder público acompanhe de perto a árdua luta dessa obstinada sobrevivência para que esse brioso povo não caia definitivamente no esquecimento. Aqui tem gente!

AQUI TEM GENTE - PARTE III



Figura 20. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Os efeitos desenfreados da globalização provocam uma espécie de alijamento e execração ao encantatório mundo ribeirinho. Lugar e mundo constituem um embelecido imbricamento dos modos de vida originários e tradicionais dos povos da floresta.

A filósofa Lígia Saramago nos esclarece que o lugar, ou a localidade, desempenha, portanto, um papel fundamental na construção do mundo, considerando-se mundo, tanto o conjunto físico de seus arredores como a própria ordem de sentido que torna a existência compreensível para nós.

Saramago recorre a Martin Heidegger para explicar que o mundo possui um caráter tão originário que não haveria qualquer outra instância anterior que pudesse explica-lo ou introduzi-lo, pois tudo que pode ser compreendido o é já no interior da rede de significações mundana.

O estetizante mundo ribeirinho é fabuloso e é fascinante, pois nos presenteia um deslumbramento esplendor da natureza colossal. O mundo ribeirinho é fulgente e brioso, é imensurável e impoluto, e não podemos condená-lo à extinção, face ao engodo espoliante do capital exacerbado.

Segundo o geógrafo Eduardo Marandola, estar no mundo fenomênico ontológico, é nessa perspectiva, uma imersão completa que coloca no centro o ser-no-mundo circunscrito e circundado pelas coisas e pelos homens, circunstanciado no tempo e no espaço.

Para Werther Holzer o conceito de mundo, ainda é um conceito pouco explorado pela geografia, e durante muito tempo foi banalizado em oposições dualistas como: velho mundo/novo mundo e primeiro mundo/terceiro mundo. O mesmo autor nos faz o seguinte esclarecimento:

“Mundo para uma ciência fenomenológica, está na essência do significado de todas as coisas, ele se remete diretamente ao ser que se dirige às coisas e se interroga sobre seu sentido. Mundo para a ciência geográfica também deve ter esse sentido essencial”.

Holzer ainda nos alerta que para a fenomenologia, mundo e lugar são vistos como um par essencialmente inseparável, algo como o par espaço e lugar para a geografia. Nesse sentido podemos dizer que na cotidianidade ribeirinha não há distanciamento entre mundo e lugar, assim como não há uma cisão nos mundos material e imaterial que se completam nesse riquíssimo axioma do imaginário coletivo dos povos da Amazônia. Aqui tem gente!



Figura 21. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

As populações tradicionais da Amazônia na sua imaculada beneficência não comungam com as ações de violência e coerção de um estado nacional esdrúxulo e belicoso. O Estado democrático de direito não deve abdicar do seu poder de autoridade, e precisa adotar medidas inclusivas que atenda de forma justa e complacente às necessidades básicas constitucionais dos povos ribeirinhos.

As coletividades amazônicas em seu dadivoso mundo não são adeptas da degeneração moral da sociedade envolvente, e, portanto, agem de forma briosa na virtuosidade do seu espaço vivido. É nesse embelecido espaço de ação que o ente ribeirinho vai em suas espacialidades e temporalidades, apropriando-se das coisas e utensílios do lugar, para cotidianamente preencher o seu ontológico ser.

A filósofa Lígia Saramago recorre ao pensamento heideggeriano para mostrar que a fenomenologia do utensílio, que constitui umas das mais comentadas temáticas de "ser e tempo", traz em suas linhas uma expressiva reflexão sobre o lugar e a existência humana, pois conforme ressalta a mesma autora:

"A ocupação humana do trabalho, leva, portanto, às configurações de regiões e lugares do entorno do mundo, bem como à sua rede de encontro, basicamente ao tornar presentes para nós aquilo que está ao alcance direto das mãos: as coisas, instrumentos e utensílios que nos cercam cotidianamente".

Se Eric Dardel nos diz que a forma mais importante do espaço construído está ligada ao habitat do homem, por sua vez, Paes Loureiro também esclarece que o homem cria, renova, interfere, transforma, reformula, sumariza ou alarga sua compreensão das coisas, suas ideias, através do que vai dando sentido a sua existência.

Essa existência – trazendo para a temática ribeirinha da Amazônia – precisa ser muito bem preservada e acompanhada mais de perto pelo poder público vigente, antes que os nossos coletivos tradicionais padeçam desregradamente aos pés escabrosos do necrocapitalismo mundial. Aqui tem gente!



Figura 22. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

A benevolente resiliência ribeirinha não comunga com a execração hostil da xenofobia porque tem na alma a imensurável cor da liberdade que alça voo na ontológica e complacente poética da imaginação estetizante da vida.

O virtuoso ato da sobrevivência no tapiri da verde mata não é adepto ortodoxo da escabrosidade humana e não segue o discurso persuasivo da morte em vida no intuito de atender as demandas escabrosas do asfixiante e tenebroso capital.

A inserção do bem viver no imaculado lar ribeirinho resiste obstinado à hecatombe social da marcha dos mortos vivos. Fugindo das trevas da execração externa, o lar ribeirinho continua bravamente lutando contra o apogeu abrasador do deserto e contra o gargalo e a cruz da insaciável bandeira da mais-valia.

O embuste da mentira ardilosa da bandeira da persuasão ao ato de ter, provoca a ascensão desregrada do império das cinzas e continua amolando nocivamente os gumes sinistros da agiotagem financeira institucionalizada dos cenários nacional e internacional do mundo globalizado.

Enquanto isso, os tradicionais povos ribeirinhos continuam sendo adeptos de suas iniludíveis peculiaridades identitárias, e com uma dadivosa visão holística de mundo, continuam trilhando de forma briosa e sem mácula, os heterotópicos caminhos da benevolência humana. Aqui tem gente!

AQUI TEM GENTE - PARTE VI



Figura 23. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

A desterritorialização do lugar é um ato de aversão, ódio e beligerância que insolentemente demonstra o poder do conúbio e do embrutecimento elitista que espolia e estigmatiza as minorias étnico—raciais marginalizadas da Amazônia brasileira.

Segundo nos informa o geógrafo Edward Relph, lugar é um microcosmo onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco. Para Relph, o que acontece no lugar é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado. O mesmo autor nos esclarece que isso é existencial e ontológico, mas é também econômico e social, pois em toda parte estamos presos em maior ou menor grau nas forças neoliberais e da globalização.

São essas forças exacerbadas e desregradas que execra e macula de forma tacanha e tenebrosa a virtuosidade das peculiaridades estetizantes dos povos da floresta. Forças nefastas e excludentes que perniciosamente asfixia a exaltação dos sentidos, dilaceram as relações do homem com a terra, estigmatiza a memória coletiva, ceifa as encantarias florestais, extermina a substância ontológica da vida e aterroriza a exuberância cósmica do lugar.

Como bem ressalta o geógrafo e escritor Vicent Berdoulay, o lugar como sujeito reflete as relações complexas, resultantes da tensão fundamental que se exerce entre o particular e o universal, e entre o provincial e o cosmopolita. Segundo ele, o conceito de lugar, convida, efetivamente, a lançar um olhar novo sobre a questão moral, a saber, sobre o campo de exercício de pertinência da responsabilidade. Nesse sentido, Vicent Berdoulay e Nicholas Entrikin, filosofam a seguinte reflexão:

"Como sujeitos, os seres humanos constroem lugares – de pertencimento e de identidade – e, como são, também, moldados por tais lugares, eles constroem obstáculos à tendência pós-moderna e metropolitana de ver cada lugar como o resumo de todos os outros".

Os seringueiros brasivianos do rio Mamu – Noroeste da floresta pandina boliviana – resistem como podem à violência esdrúxula e espoliadora, oriundas da malversação xenófoba e financeira dos efeitos neoliberais e dos engodos hostilizantes do embuste opróbrio da globalização. Aqui tem gente!

AS FLORES DA GUERRA



Figura 24. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Sob a facúndia da eloquência da voz, ecoa o sagrado direito internacional à liberdade, mas nem sempre essa liberdade se constitui numa inviolabilidade do Estado democrático de direito.

A geopolítica mundial fracassa principalmente quando se fala da adoção de políticas estatais para o acolhimento de migrantes e refugiados de guerra. Alguns chefes de estado insistem na atroz ignobilidade de práticas despóticas de violência e perseguição que resulta arbitrariamente no deslocamento forçado de minorias étnicas marginalizadas do seu país de origem.

Mesmo diante de uma odiosa injúria e tirania, de uma fútil insolência e apatia humana, de uma hostil perniciosidade contra a vida e de uma ardilosa falta de equidade, acreditamos de forma iniludível na virtuosa e relutante vitória do impoluto processo de paz entre os povos da humanidade.

Diante de tantas moléstias e atropelos e de tantas angústias e sofrimentos, a educação surge triunfante para libertar os oprimidos sem fazer uso de uma linguagem autoritária, exacerbada e preconceituosa da vida. Os herdeiros do poder bélico e vítimas inocentes de um absolutismo contemporâneo execrado, são briosamente adotados pela arte generosa e inclusiva do ontológico ato de educar.

As sementes da paz são dadivosamente semeadas na escola, e nesse fecundíssimo espaço de amor, acolhimento e virtuosidade, são maviosamente germinadas para mostrar a humanidade que somente a educação é capaz de construir e reconstruir um mundo mais justo e poeticamente ornado com as flores da guerra.

AS PALMATÓRIAS DA VIDA



Figura 25. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Estereótipos e estigmatizações são superados com a virtuosidade da substância ontológica humana. O eminente ato de educar elimina de forma impoluta os engodos insolentes do escárnio estapafúrdio da lutulência hostilizante da vida.

Execração e incúria são superadas pelo esplendor benevolente da alma cosmopolita e holística do imaculado direito de ensinar e aprender. O amor à educação jamais será ceifado pela inépcia indecorosa do labéu da desonra e da mendacidade obscura daqueles que pregam o ódio profundo.

Espírito pugnaz e pensamento belicoso são superados pelo deslumbramento estetizante de ações educacionais democráticas e inclusivas que nos enchem de paz, conhecimento e gratidão. As nossas almas jamais serão alimentadas de infortúnio e intolerância e jamais serão internalizadas de raiva e xenofobia que venha suprimir o suntuoso e benévolo mundo escolar.

Nesse colossal e brioso mundo escolar, Rondônia caminha a passos firmes, respeitando as diferentes diferenças e alçando voo em asas de inegável talento. A educação transforma e constrói um mundo melhor para todos e juntos vamos superando as palmatórias da vida.

AS SOMBRAS DA EXCLUSÃO



Figura 26. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Na prevalência da subalimentação a inanição avança desenfreada, enquanto a perniciosidade da fome atinge o vergonhoso índice de 9,8% da população global. A aversão e execração ao outro, e o distanciamento exacerbado entre a política pública e os famintos, são esferas afrontosas que asfixiam a vida e o lar, e condenam sem comiseração os marginalizados da terra ao infortúnio degradante da humanidade.

A fome arranca o dadivoso da alma, debilita o vigor físico e faz com que o ser humano entre danosamente em estado fúnebre da derrocada. Tratados ao desdém da honra, os exclusos da terra marcham na estrada da morte em vida até descansarem cadavéricos na catacumba escura, um lugar onde não há espaço para o sofrimento, mas há espaço para a condecoração eterna da liberdade.

Cordões “sub-humanos” desfilam fincados à terra, ninguém mais escuta os gritos dos excluídos, o embuste dos Estados Nacionais adormece na empáfia, enquanto os direitos humanos são criminalmente enclausurados em nome do capital hostilizante e espoliador.

Enquanto o poder hegemônico descansa na improbidade, os seus incautos gargalos adotam a incúria, e nesse insidioso impropério, os espíritos bélicos vão deixando rastros de sangue e ceifando a vida das almas benevolentes.

Na devassidão do conluio e desregramento, os cordões “sub-humanos” continuam resistindo, e nessa inaceitável rede de invisibilidade, eles caminham agora conscientes e politizados, mostrando ao mundo a força vitoriosa das sombras da exclusão.

AS VEIAS ABERTAS DA MÃE DA SERINGUEIRA



Figura 27. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

A seringueira tem mãe. Segundo os seringueiros, todos os passos que eles fazem na estrada de seringa, ela se pões a observar. Nenhum seringueiro poderá aprofundar o caule da árvore com a sua faca, sob pena de sofrer punições severas da mãe da seringueira. A mitologia amazônica é Parte Indissolúvel do ser dos entes seringueiros, ela está presente na cotidianidade das colocações, na organização das espacialidades, e em suas representações simbólicas.

O seringueiro em sua ampla visão mitológica e cosmogônica, imbrica-se tão fortemente à natureza exuberante, que esse mundo do qual ele vive e sente, transforma-se numa natural intimidade oferecida ao ser de sua existência. Gaston Bachelard nos informa *que* a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular que o devaneio coloca o sonhador fora do mundo próximo, diante de um mundo que traz o signo do infinito.

A mãe da seringueira não permite que maltratem suas filhas, ela controla todos os passos do seringueiro durante a sua jornada nas estradas de seringa. Caso o seringueiro prejudique a seringueira com um corte fora do normal, ela imediatamente impõe o seu respeito e organização do espaço vivido.

O universo mítico do seringueiro vive no seu profundo imaginário, convivendo em suas cotidianidades, e aguçando as espiritualidades cosmogônicas do seu ser. A poética de Gaston Bachelard instiga no espaço vivido do homem à fenomenologia da imaginação, pois, segundo ele o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. É vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação.

Segundo o pesquisador João de Jesus Paes Loureiro, na Amazônia as pessoas ainda veem seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram. Para o mesmo autor Na vida Amazônica a mitologia reaparece como a linguagem própria da fábula que flui como produto de uma faculdade natural, levada pelos sentidos, pela imaginação e pela descoberta das coisas.

Nesse procedimento de uma verdadeira metafísica poética o impossível torna-se possível, o incrível apresenta-se crível, o sobrenatural resulta em natural. Quer dizer, um estado poético que evola do devaneio de livre expansão do imaginário. A linguagem mítico-poética traduz dessa forma um pertencimento do imaginário amazônico incorporado no espaço de ação dos povos da floresta e que simbolicamente se alimenta das veias abertas da mãe da seringueira.



Figura 28. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Sobre os marcadores perceptovisual-sensoriais, o escritor e geógrafo Adnilson de Almeida Silva, nos diz que eles possuem estreitas relações com os marcadores simbólicos e que ainda estão assentados numa construção psíquico-espiritual dos coletivos humanos, pois, no seu contexto, funda-se na materialidade, na imaterialidade e no inatingível, como se constata nos odores, sons e ruídos, seres vivos intangíveis e no imaginário criado através de sonhos, intuições e premonições. O autor nos diz ainda que esses marcadores podem também ser inseridos no sentido sensorial ou naquilo que muitos consideram como sexto sentido.

O ex-seringueiro e ex-soldado da borracha, Manoel Gomes de Oliveira, narra que convidou um amigo seringueiro para cortar seringa durante a noite, algo que não era de costume nas colocações. Os dois amigos concordaram em fazer a extração do látex durante a noite, mas quando chegou num certo momento, a natureza se revoltou e fez com que Manoel tivesse que passar por uma situação nada agradável, conforme ele mesmo narra:

"Eu trabalhava com um companheiro chamado José Freijó, morava na colocação Recanto, José Freijó, só cortava seringa de manhã. Um dia de sábado, falei para meu companheiro, para irmos cortar a noite, ele falou que não, depois mudou de ideia e me pediu para chama-lo quando eu fosse sair. Quando a noite caiu, fomos dormir, na hora

de sair, me levantei, fiz o café, arrumei as minhas coisas: balde, saco, facão e a marmita com comida, coloquei tudo dentro de um paneiro e chamei o companheiro. Ele arrumou suas coisas também e saímos, eu para a estrada do centro e ele para a estrada de ponta. Quando cheguei na boca da estrada, coloquei as minhas coisas no galho da árvore, peguei a faca de seringa e sai cortando, quando estava com umas quarenta madeiras de seringa cortadas, começou um temporal, só que estávamos no mês de julho, que não é mês de chuva, então fiquei nervoso com aquele temporal que vinha quebrando tudo, logo aquele vento parou de vez, eu estava perto de um igarapé, que tinha bastante água, quando escutei uma lapada na água dizer "de macaco já virou peixe", as lapadas viraram pisadas que vinham em minha direção. Eu tentava ver, mas não via nada de vulto, tirei a Poronga para tentar ver, mas não adiantou, as pisadas continuavam a se aproximar de mim, quando estava com um metro, fiquei suspenso do chão, sem nada na cabeça, me tremendo todo. Pensei em voltar para casa, mas não voltei, continuei a cortar seringa, quando voltei colhendo a seringa, cheguei ao local, tentei achar algum vestígio de alguma coisa, se era bicho ou outra coisa, mas não achei nada, voltei para casa e dei o nome de assombração para esta estrada e não voltei mais a cortar seringa nela, que ficou abandonada. Contei para meu companheiro José Freijó, que me falou que era por isso que não cortava seringa a noite, que a noite é dos bichos e das visões, das assombrações".

Segundo Almeida Silva, as representações simbólicas e espirituais do espaço de ação, constituem importantes marcadores estruturantes que fazem parte das vivências e da organização territorial de suas coletividades. O mesmo autor nos esclarece ainda que a narrativa anterior demonstra *que* em seu universo cosmogônico, a natureza é um conjunto interconectado, indissociável do divíduo e precisa ser respeitado, porque é nela que encontra o abrigo necessário para a permanência do modo de vida.

A ideia de pertencimento ao lugar, os reflexos da imaterialidade presentes no imaginário do seringueiro, e as percepções oriundas de seus saberes e fazeres, resultam no surgimento da essência do ser desse ente como bem demonstrado nas assombrações dos seringais amazônicos.



Figura 29. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

A embelecida paisagem amazônica no seu indubitável e encantatório adorno, continua resistindo de forma honrosa aos ataques nefastos de uma sociedade envolvente que preza pela iniquidade ardil e pela desonra torpe dos valores dos povos da floresta.

Às margens dos rios amazônicos, as coletividades originárias e tradicionais, procuram manter suas heranças sócio-linguístico-culturais vivas, como uma forma virtuosa de repassar esses impolutos laços históricos às novas gerações do mundo vivido.

São características singulares desse espaço de ação, a convivência suntuosa e harmoniosa com a natureza colossal. As atividades cotidianas do coletivo ribeirinho, por exemplo, não ferem a mãe terra e não oferecem perigo à memória coletiva da existência humana.

O sentimento de poder ancorar uma canoa ou batelão na beira do rio, e de lavar roupas e demais utensílios da casa num tradicional instrumento de madeira – ou marcador territorial fabricado – demonstra a generosa e louvável atitude de manter a alma ribeirinha entranhada na exuberância imaculada da vida.

A desmesurada convivência ribeirinha com a natureza, a celebração cosmogônica da exaltação dos sentidos, o caminhar devaneante entrelaçado à terra, e o aconchego telúrico com as encantarias da mata, são peculiaridades reais e estetizantes das coisas da Amazônia.



Figura 30. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Inicialmente faremos uma ligação da seca com o movimento de migração ocorrido durante o Estado Novo, período em que o Governo Federal autorizou uma maciça campanha de recrutamento de trabalhadores nordestinos para trabalharem na extração do látex e na produção em larga escala da famosa borracha natural, visando atender o mercado internacional desta matéria prima - mais precisamente os Estados Unidos - procurando evitar um colapso da indústria bélica dos americanos no auge da segunda guerra mundial.

O estigma da seca sempre castigou o modo de vida do sertanejo que nunca poupou esforços para sobreviver na região do semiárido nordestino. Ainda cedo da madrugada, o caboclo da roça se levanta e acompanhado da mulher e dos filhos mais velhos, deixa a velha casa de Taipa, leva um pouco de farinha e um pedaço de rapadura preta, e uma pequena cabaça d'água que fica alojada na sombra do Juazeiro. Sob o sol ardente segura o cabo da chibanca e vai arrancar o "toco" da jurema preta num pedaço de terra arrendado do patrão.

Depois de brocar, começa a rezar e a depositar suas últimas esperanças à espera de uma chuva que venha propiciar o plantio de arroz e feijão, e nada mais do que isso, pois seria a alimentação básica para manter a família de pé e continuar na luta pela vida.

O complemento alimentar, a própria caatinga se destinava a oferecer: Teiú (Tiú), preá, camaleão e demais animais de pequeno porte, dos quais o caboclo se enchia de alegria ao saborear a carne.

As secas periódicas obrigavam famílias inteiras a percorrerem léguas de estradas em busca da preciosa água. A mulher transformava um velho pedaço de pano (molambo) em um pequeno suporte oval denominado rodilha, - ou "rudia" na linguagem popular do sertão - para receber um "pote de barro" em sua cabeça. Já outros em "melhores condições", colocavam um cabresto num jumento, depois os "cambitos" e duas ancoretas de madeira para fazer o transporte de água até seu destino final.

Desta forma o homem simples do sertão vai enfrentando os desafios na natureza com suas cotidianas adversidades, e vítima da "indústria da seca", marcha valentemente chorando as mágoas de um sistema político-econômico caduco e atrofiado, que o condena às margens da sociedade capitalista.

O abandono a que foram submetidos os sertanejos nordestinos em suas secas periódicas deixaram dados impressionantes de mortandade humana. A pesquisadora Maria Verônica Secreto nos informa que embora os dados sejam imprecisos, são indicativos do sofrimento e da catástrofe. Na seca de 1877-1879, a cidade de Fortaleza, com aproximadamente 25 mil habitantes, recebeu 114 mil retirantes, que transformaram a cidade na capital de um "pavoroso" reino.

Segundo a mesma pesquisadora, o repórter Herbert Smith, que estava no Ceará cobrindo a seca para a Scribner's magazine, registrou que, durante a seca, 500 mil sertanejos haviam morrido de varíola e fome. Mike Davis, por sua vez, estima que nas três secas de dimensões globais (1877-1879; 1889-1891 e 1896-1902) que provocaram profundas crises de subsistência, o tributo humano não pode ter sido inferior a 30 milhões de vidas.

Outras grandes secas, porém, continuaram a dizimar a população nordestina. As secas de 1915 e 1942 deixaram rastros de miséria e desolação. Neste momento entra em cena o departamento de imprensa e propaganda – DIP, órgão responsável pelas propagandas oficiais do Estado Novo. O DIP comandaria uma intensa campanha ideológica que visava persuadir os flagelados da seca à marcharem rumo a Amazônia brasileira e a conquistarem o novo "Eldorado".

Estava assim dada a largada para a grande "marcha para o oeste" do Estado Novo. O discurso dominante precisava entrar em cada lar, convencendo, iludindo, conquistando e persuadindo famílias inteiras a migrarem para "um novo mundo" que ofereça conforto e dignidade.



Figura 31. Soldados da borracha recrutados pelo SEMTA - Museu de Arte da UFC. Fortaleza (CE). (1943).

A linguagem persuasiva durante o Estado Novo exerceu poderosa influência no senso comum do sertanejo. A Amazônia receberá a segunda grande leva de migrantes nordestinos e assim promover no até então "desconhecido mundo", a tão dogmática batalha da borracha. A sutileza e versatilidade do discurso, pode neste sentido consolidar o desejo de seu autor, fazendo com que o receptor aceite as condições de seu domínio. O escritor russo Mikhail Bakhtin nos esclarece que o narrador pode deliberadamente apagar as fronteiras do discurso citado, a fim de colori-lo com as suas entoações, o seu humor, a sua ironia, o seu ódio, com o seu encantamento ou o seu desprezo.

Persuadidos e convencidos a embrenharem-se no desconhecido, homens, mulheres e crianças estavam agora determinados a prestarem "seu amor" à pátria. Os soldados e as soldadas da borracha não mediram esforços em abraçar a mãe seringueira e extrair dela seu sustento. A coordenação de mobilização econômica do Estado Novo, visando atender ao interesse americano pela borracha natural brasileira, criou o SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para o Amazonas), o SESP (Serviço Especial de Saúde Pública) e a SAVA (Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico).

Após a entrada triunfante dos japoneses em dezembro de 1941 no sudeste asiático durante a segunda guerra mundial, os americanos começaram a ter uma queda repentina nos seus estoques de borracha. À beira de um colapso da sua principal matéria-prima para a indústria bélica, os Estados Unidos assinaram com o Brasil o acordo de Washington - decreto lei n° 5813 de 14 de setembro de 1943 - que dentre outros acordos de parceria durante a segunda grande guerra, estava a de alistar trabalhadores da região Nordeste brasileira e enviar para o vale amazônico.

As propagandas oficiais invadiram o Nordeste. O “paraíso” parecia estar mais perto do que se poderia imaginar. O sonho de riqueza e de uma vida próspera adquiria cada vez mais esperança e fortalecimento, como a mais bem-vinda realidade a entrar em cada lar nordestino. Tudo parecia que os problemas oriundos da vida na caatinga seriam superados através de um toque de mágica. Por todos os cantos da cidade havia cartazes que massificavam o apelo do Governo Federal. O nordestino valente e leal precisa se alistar e mostrar todo seu patriotismo ao país.

Em 1940 o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia ganhou um novo aliado: A SEMTA contratou o pintor suíço Jean Pierre Chabloz, que ficou encarregado de produzir parte dos serviços de propaganda oficial do governo, objetivando mobilizar com sucesso os trabalhadores do sertão para os seringais nativos da região Norte do Brasil.

Logo os trabalhos de Chabloz ficaram conhecidos, e depois de residir quase três anos no Rio de Janeiro, o pintor suíço fixa residência na capital cearense, de onde eram massificados e divulgados os seus trabalhos artísticos.

Os trabalhos de Chabloz estavam a serviço de uma política populista que precisava promover com segurança a ideia de que “o paraíso verde” seria sem resquícios de dúvidas a única solução para acabar com o estado de miséria que acometia o povo sertanejo do Nordeste brasileiro. Naquele momento, o cartaz tinha a importante missão de cumprir e fortalecer as determinações do Estado Novo, através do Departamento de Imprensa e Propaganda.

O cartaz tornou-se um elemento da vida cotidiana no modo de produção capitalista. Ele invade as cidades e termina por influenciar de forma assustadora o nosso próprio ambiente. No Nordeste não fora diferente, de tanto visualizar cartazes extremamente sedutores, o homem da caatinga parecia estar convicto de que se tornaria o mais novo herói nacional e que certamente estaria prestes a conviver num ambiente que iria lhe oferecer fartura, conforto e prosperidade.

Mostraremos aqui uma sequência de cartazes produzidos por Jean Pierre Chabloz que persuadiu e conquistou o sertão nordestino, como forma de atender aos caprichos dos capitais nacional e internacional. Conforme podemos observar na figura abaixo, a extração do látex se tornaria algo fácil de se produzir e não traria quase nenhum sacrifício ao seringueiro.



Figura 32. Mais borracha para a vitória. Fonte - Acervo Jean Pierre Chabloz – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, (1943).

Abaixo do corte está localizado um pequeno suporte responsável pelo escoamento do látex até o balde que está fixado ao chão. No cartaz tudo parecia fácil e não deixava uma impressão de sofrimento, quando na verdade seria árdua a luta dos soldados da borracha na Amazônia brasileira. Reparem que os tradicionais cortes efetuados na seringueira para extração do látex, tais como a bandeira[1] e a espinha de peixe[2], não aparecem no desenho de Chabloz. O cartaz abaixo nos mostra a mudança de paisagem, onde se trocaria a região de um sertão semiárido pela floresta amazônica.



Figura 33. Rumo à Amazônia – Terra da fartura. Fonte - Acervo Jean Pierre Chabloz – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - UFC. Fortaleza, (1943).

1 Bandeira- parte da árvore – seringueira – delimitada para a sangria ou corte. SOUZA, 2004. P.56.
2 Espinha de peixe – corte da seringueira em bandeira dupla.

Na paisagem pintada por Chabloz fica explicito o tão sonhado processo de transição da caatinga ao seringal. O nordestino valente e leal trocaria de imediato o habitat das cactáceas pelo habitat da Hevea brasiliensis. O estado de miséria e desolação abriria espaço para um mundo novo recheado de fartura. Caminhões superlotados da SEMTA deixam o sertão e partem triunfante para o berço esplêndido do vale amazônico.

A terra seca seria substituída pela fertilidade da terra molhada e o silêncio amargo do homem sertanejo, em breve se transformaria num sorriso de felicidade. O cartaz também sugere que a viagem seria rápida e confortável, e que certamente os flagelados da seca não passariam por nenhuma privação.

O cartaz também atenta para o habitat do seringueiro, onde suas atividades eram realizadas próximas à sua residência e junto da família, com casa bela, lavoura e criações.

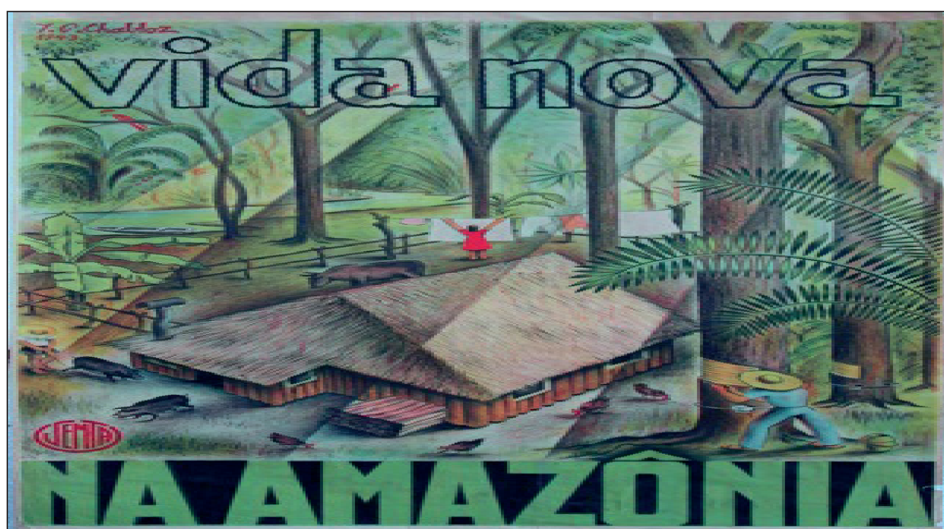


Figura 34. Vida nova na Amazônia - Fonte - Acervo Jean Pierre Chabloz – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - UFC. Fortaleza, (1943).

Atentem que a soldado da borracha usa um lindo vestido vermelho e de forma tranquila estende as roupas no varal. Observemos que o sol penetra livremente na mata semiaberta. O gado está presente no curral, numa demonstração de que leite e carne bovina não seria nenhum problema para o recém-chegado nordestino na Amazônia. Crianças brincam e tratam de porcos e galinhas e a residência não deixa nenhuma dúvida do iminente conforto.

A extração do látex é feito harmonicamente no quintal da casa, as seringueiras estão colocadas lado a lado, e para tanto, não haveria a necessidade do seringueiro está percorrendo as estradas[3] de seringa e varadouros[4]. Completando a linda paisagem

3 Estrada de seringa - caminho percorrido pelos seringueiros para extração da seringa.
4 Varadouro – estrada percorrida nos seringais, responsáveis pela ligação entre colocações e seringais, e importante

amazônica, a lavoura estava garantida, pelo menos água não seria o problema, e o paraíso finalmente estava prestes a cair na vida de homens, mulheres e crianças, até então, cansados de esperar pela felicidade que sempre tardara a chegar. Estava livre o caminho para uma *"vida nova na Amazônia".* O cartaz incentiva o sertanejo que parece está em dúvida com a viagem, mostrando a alegria dos que estavam partindo.



Figura 35. Vai também para a Amazônia – Protegido pelo SEMTA - Fonte - Acervo Jean Pierre Chabloz – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - UFC. Fortaleza, (1943).

Na figura o nordestino se despede do sertão, o caminhão munido de grandeza humana transportaria os "heróis da pátria" rumo à Amazônia. O SEMTA está presente na vida de cada migrante, oferecendo ao lar sofrido a tão esperada dignidade. Na despedida é somente alegria, festejo e felicidade. À porta de sua velha casa, estampada na caatinga do sertão, parecia ficar o último dos flagelados, triste, solitário e como diz o nordestino: "amuado" [5] de ter que continuar vivendo numa terra de sofrimentos. Para quem ficou no sertão e de repente se deparasse com o cartaz acima, no mínimo sentiria uma imensa vontade de partir. O caboclo da roça não precisaria mais transportar água num pote de barro exposto no quadro de Jean Pierre Chabloz.

Realmente o entusiasmo tomou conta de todos e contagiou de forma surpreendente os sertanejos nordestinos condenados à revelia da pátria. Conforme demonstra os desenhos da figura abaixo, os seringueiros tinham a grande oportunidade de obter saldo positivo em todas as suas atividades, e desta forma jamais sairiam devedores do barracão, quando na verdade já chegavam endividados e compromissados com o seringalista.

trecho de passagem dos comboios que transportavam mercadorias até o barracão.
5 Amuado – diz-se do sertanejo nordestino que fica em estado de raiva, calado, bravo.

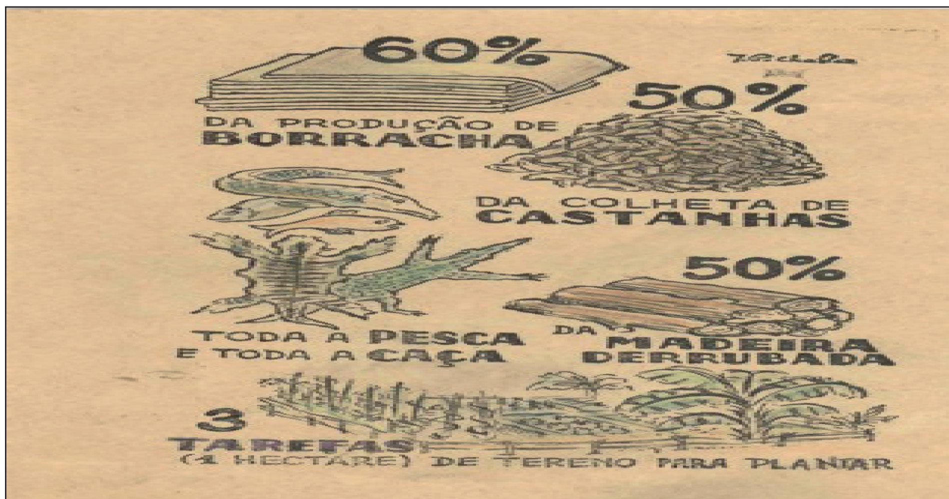


Figura 36. Desenho que ilustra parte do contrato referente às porcentagens que correspondia aos seringueiros. Fonte - Acervo Jean Pierre Chabloz – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - UFC. Fortaleza, (1943).

No contrato padrão de trabalho nos seringais, os seringueiros eram facilmente ludibriados pela propaganda enganosa, assim como o foram nas demais peças montadas por Chabloz. O seringueiro que durante toda uma vida foi castigado e explorado pela ganância do seringalista, muitas vezes deve ter se lembrado das atraentes cláusulas presentes no seu contrato de trabalho, senão vejamos: ele teria conforme o cartaz acima, 60% da produção de toda borracha natural produzida em sua colocação; 50% da colheita da safra de castanha; 50% da madeira que supostamente seria derrubada; teria o direito a toda fartura da caça e pesca e ainda teria um bom pedaço de terra e tempo suficiente para plantar e colher tranquilamente.

As decepções, a desolação, as doenças e as mortes ainda estavam por vir, e os soldados e soldadas da borracha iriam ter que enfrentar a agonia de sobreviver em plena selva Amazônica, sem nenhuma assistência por parte de quem quer que seja. Logo de início os sertanejos recebiam roupas novas e diversos utensílios, dos quais podia se observar no cartaz uma imediata mudança de vida que separava ideologicamente a caatinga do seringal.

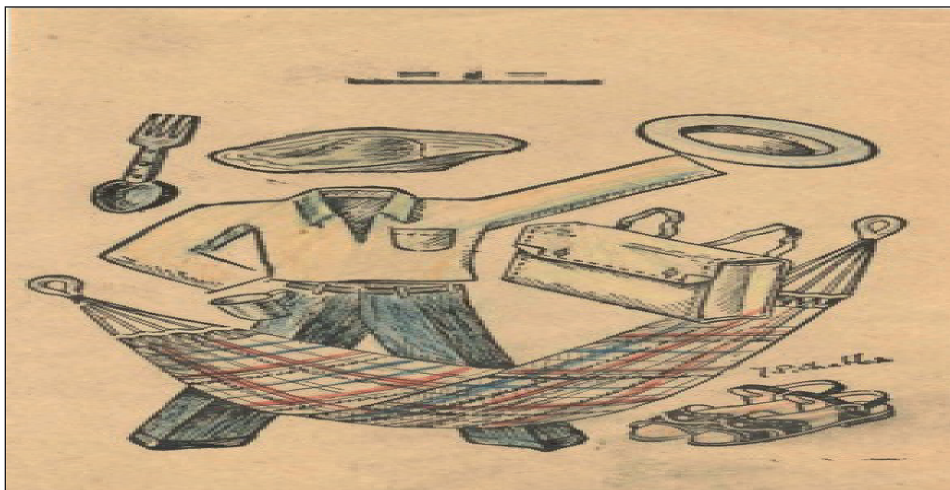


Figura 37. Os equipamentos de viagem fornecido pelo SEMTA - Fonte - Acervo Jean Pierre Chabloz – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - UFC. Fortaleza, (1943).

Com a relação ao cartaz acima produzido por Chabloz, a pesquisadora Maria Verônica Secreto nos informa que o sertanejo recebia para a viagem o seguinte conjunto de utensílios: um enxoval composto por uma calça de mescla azul, uma blusa de morim branco, um chapéu de palha, um par de alparcatas de rabicho, uma caneca, um prato fundo, um talher que era colher e garfo, uma rede e um saco de estopa.

As peças criadas por Chabloz tinham, portanto, uma meta a ser cumprida: fazer com que milhares de flagelados nordestinos absorvessem os signos ideológicos e conseguissem satisfazer seus desejos através da concretização do binômio seca – migração. Esta junção tornou-se, pois indissociável e a linguagem persuasiva contribuiu fortemente para estabelecer nos rincões da caatinga nordestina, o maior processo migratório da história do país.

A propaganda certamente exerceu forte poder ideológico no sentido de apresentar a seu público alvo um sentimento de sucesso e liberdade em detrimento daqueles que viviam alheios a qualquer tipo de informação.

Agora na Amazônia os soldados da borracha iriam deparar-se com a primeira leva de nordestinos ocorrida durante o primeiro ciclo da borracha. Assim como os primeiros migrantes, eles trouxeram para o vale amazônico uma vasta heterogeneidade sócio – linguístico – cultural que honrosamente, integrará e engrandecerá de forma intensa e douradora, o notável berço multicultural dos povos da floresta.



Figura 38. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

O lugar como categoria de análise geográfica nos mostra - segundo o geógrafo Francês Eric Dardel - que a paisagem não é em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser. Segundo o mesmo autor, é desse lugar, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspetos, para trabalhá-lo.

Na Amazônia, foi nas atividades do corte da seringa que o seringueiro viu o rio como imbricamento humano e não como divisor de territórios. Um rio que corta a floresta, lugar onde ele corta a seringueira, que por sua vez, corta as rupturas do convívio humano e geográfico. Para Paes Loureiro, ao lado desse mundo de águas, está a floresta – antigo lugar de convivência secular de realidades e signos, no qual vive e se abriga o homem amazônico.

Se espacialidade e territorialidade são indissociáveis à ação humana, a vivência é fruto da experiência de um espaço vivido. Pois de acordo com o geógrafo chinês Yi - Fu Tuan, o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.

As populações tradicionais da Amazônia impregnaram-se no seu espaço de ação e temporalidades para incorporarem o pertencimento de lugar, e neste pertencer está imbricado a sua identidade ribeirinha. Para Tuan, uma identidade de lugar se alcança pela dramatização das aspirações, necessidades e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos.

Para Edward Relph, geógrafo e professor da Universidade de Toronto, Lugar não é meramente aquilo que possui raízes, conhecer e ser conhecido no bairro; não é apenas a distinção e a apreciação de fragmentos de geografia. Para o autor, o núcleo de significado de lugar se estende, segundo ele, em suas ligações inextricáveis com o ser e com a própria existência.

Para Edward Relph, lugar é um microcosmo, é onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco, pois o lugar é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado, e isso, é existencial e ontológico.

No estudo intitulado - sentido de lugar - Lívia Oliveira nos informa que o lugar na geografia, desde o início da geografia humanista, foi sempre a essência propriamente dita da ciência geográfica, e que refletir sobre o lugar é refletir o seu sentido na geografia. Segundo a mesma autora, é o lugar experienciado como aconchego que levamos dentro de nós, ou o lugar consciente do tempo social histórico, recorrente e mutável, no transcorrer das horas do tempo em um espaço sentido dentro de um lugar exterior ou interior.

FILOSOFANDO O LUGAR - PARTE II



Figura 39. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Lígia Saramago In "Como ponta de lança" – O pensamento do lugar em Heidegger – nos diz que uma das primeiras associações que podemos então estabelecer no contexto do pensamento heideggeriano sobre o lugar é sua indissolúvel vinculação com a ideia de significatividade, que pode ser também compreendida como abertura de sentido das coisas.

Desta forma a mesma autora nos diz que, o que imediatamente se mostra como fundamental nesta passagem é a importância decisiva atribuída à relação entre ser e estar em seu lugar, relação esta de um autêntico e essencial pertencimento ao lugar.

Nessa dramatização de identidades, podemos citar como exemplo, a chegada dos trabalhadores nordestinos nos seringais e a própria destruição dos seringais nativos da Amazônia em virtude do avanço da pecuarização durante as décadas de 1970 e 1980, duas situações de antagonismo que se revelam na construção e destruição do lugar.

Ao traçarmos uma analogia do lugar do seringueiro em detrimento às dimensões política e econômica do Estado Novo, poderíamos dizer que o governo Vargas se utilizou de sua política de estado para recrutar trabalhadores nordestinos e posteriormente, através da produção em larga escala da borracha natural, atender às necessidades da economia internacional. Este processo migratório culminou em suas temporalidades na construção do lugar e no pertencimento identitário no ser do seringueiro.

O pertencimento de lugar da territorialidade seringueira está intimamente incorporado à vivacidade das águas e da floresta. Um lugar de apego, e de onde se arranca o sustento da família.

Nesse sentido, concordamos com Werther Holzer In Mundo e lugar – ensaio de geografia fenomenológica - ao dizer que lugar é o aporte fenomenológico apropriado pelos geógrafos humanistas, ou seja, segundo ele, o lugar que trata da experiência intersubjetiva de espaço mundo em seus fundamentos, quais sejam, distância e direções a serem vencidas, fisicamente ou na imaginação, sobre um determinado suporte que podemos chamar de "espaço geográfico", constituindo-se a partir das vivências cotidianas como um centro de significados, como um intervalo, onde experimentamos intensamente o que pode ser denominado de geograficidade, como proposta por Dardel.

E desta forma nos alerta Holzer, ao dizer que a geograficidade trata do conteúdo existencial do homem com o espaço terrestre e, na medida em que o homem se apropria desse espaço, ele se torna mundo, a partir da fixação das distâncias e das direções, onde os marcos referenciais são o corpo e a matéria onde ele se apoia, um espaço primitivo que, uma vez apropriado pelo homem, se torna lugar.

FILOSOFIA DAS HORAS MORTAS - PARTE I



Figura 40. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Na aversa repulsa da abominação humana, a absurdez tirana nos ceifa a imaculada liberdade da vida e nos condena ao execrado estado da alma. Nessa repugnante abnegação ao outro, o homem peleja para subir nos degraus complacentes dos tribunais e promover o advento transparente do poder público mundial vigente.

Mas observemos que essa peleja rotineira nem sempre sai como desejamos, visto que os malevolentes gargalos das ações se encontram dentro da própria instituição que fiscaliza e julga, basta atentar para a forma grosseira e fútil como agem os seus atores principais ao deflagrarem as suas operações oficiais.

Essas operações em vez de proporcionar uma segurança aos parceiros de outrora, elas promovem um pérfido constrangimento àqueles que também morrem pela transparência pública.

Vale ressaltar, porém, que os sujeitos do constrangimento não são generalizados, pois ainda existem aqueles que se dirigem como homens íntegros, probos e de conduta cotidianamente ilibada, ou seja, carregam uma educação herdada de gerações no contexto familiar que nos ensinam a viver com dignidade, sem tratar o semelhante com desprezo e arrogância.

Por isso é relevante ter tudo na ponta do lápis, para que na hora de fazer as contas, saber tirar a prova dos nove fora, e assim poder comprovar que o relógio da ditadura também possui as suas horas mortas.

FILOSOFIA DAS HORAS MORTAS - PARTE II



Figura 41. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

A beotice humana bestializa o ser, enquanto a profunda bisbórria do indivíduo finório conduz as almas benevolentes aos mais burlescos catrapoços da vida em agonia. Nesse grotesco conluio da podridão dos homens, o nacionalismo caduco e doentio, contamina as esferas do poder reacionário e extermina de forma cruel e genocida os valores éticos e morais de um povo.

A força da soberania crapulosa constrói o império assassino da devassidão, da libertinagem e do desregramento estatal danoso e horripilante. Sem decência, compostura ou decoro, a carruagem da morte segue triunfante rumo a derrocada espoliante do degredo deplorável e do extermínio desdenhoso da vida.

As descomedidas ações de raiva e de ódio ao outro, promove o advento vergonhoso da apatia e da indiferença às diferentes diferenças. Esses desditosos atos da desgraça e do infortúnio, surgem em decorrência da ruina da alma humana, que ao entrar em derrocada, busca provocar o genocídio dos próprios semelhantes sem nenhuma demonstração de piedade ou comiseração.

Nessa disparidade dolosa e desolada, os homens seguem imbuídos de empáfia e soberba, uma arrogância monstruosa e mortífera, capaz de promover o escárnio exacerbado do homem contra o homem, o único animal que mata e não é capaz de saborear a sua presa.

JUSTIÇA, FOGO E VIDA



Figura 42. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

A aversão afrontosa aos povos da floresta provoca um alijamento execrado aos valores ontológicos do ser. Esses valores são asfixiados por um causticante estado de belicosidade que promove um exacerbado infortúnio de desterritorialização àqueles que sobrevivem da mátria mãe florestal.

Nessa desordem defraudada que espolia e mata os originários e tradicionais berços amazônicos, a banda delinquente da sociedade segue desenfreada rumo aos doentios delitos em desfavor da vida. Essa derrocada humana compartilha o descalabro, arruína o bem viver e semeia o caos. Esse desdém cruel e desmoralizante segue malevolente e triunfante, ceifando a ética e provocando a devassidão arbitrária dos costumes do homem.

Aqueles que são alimentados pela benevolência da dadivosa mata são tratados muitas vezes à revelia da carta magna, enquanto assistem em pranto as suas próprias almas serem desalojadas dos seus valores ancestrais sagrados. A resistência de homens, mulheres e crianças, segue rompendo barreiras na incansável luta contra um etnocídio ameaçador do status quo vigente.

Entre o desmazelo e o despautério da sociedade despótica envolvente, a marcha dos desterrados parece não ter fim, a displicência estatal se fortalece, enquanto os despossuídos esfacelam-se por um pedaço de pão. No patíbulo das execuções as minorias étnico-raciais continuam clamando por justiça, combatendo o fogo e lutando pela vida.

LIÇÃO DE VIDA



Figura 44. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

No início da década de 1970 na Amazônia Sul – Ocidental brasileira, a resistência dos povos da floresta para manter vivo os seringais, não foi apenas palco dos inúmeros "empates" realizados contra a grilagem de terras. Essa resistência também se estendeu ao advento das primeiras escolas que nasceram no coração de diversas colocações de seringa.

Enquanto as batalhas eram travadas entre seringueiros e grileiros, outras batalhas surgiam no meio da mata: eram meninas e meninos que iniciavam os seus estudos nas escolinhas dos seringais amazônicos na incansável busca pelo conhecimento e na imensa vontade de estudar para aprender.

Diante da insidiosa agonia da morte que as famílias ribeirinhas travavam contra a opressão, a esperança pela libertação surgia nas primeiras lições do ABC, lições que abriam virtuosos caminhos ao direito de ensinar e aprender.

No deslumbramento inefável do lápis e do caderno, era plantado ali uma semente sem mácula, um ensino benévolo e libertador, uma sala de aula devaneante, uma união relutante e uma encantadora exaltação de um ensino – aprendizagem vitorioso e divinal.

As crianças avançaram, o ensino prosperou, a resistência venceu e os degraus da faculdade chegaram. Foi dado a largada e agora meninos e meninas são moças e rapazes do mundo acadêmico. Juntos, eles carregam um rico imaginário sócio-linguístico-cultural e agora estão envolvidos na impoluta missão de governarem o país: uma lição de vida.

O DIA EM QUE O SERINGAL PEDRA CHORONA CHOROU



Figura 45. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

O seringal é uma manifestação honrosa de encadeamento e exaltação na fulgurante relação de entranhamento do homem com a natureza embelecida. Nessa relação há uma clarividente e perspicaz concatenação entre a alma do ser do ente e a terra como resultado do espaço vivido.

Na cotidianidade das colocações estabelecidas no seringal e na dinamização de suas temporalidades e espacialidades, o seringueiro se apropria de seus instrumentos de trabalho, tais como – poronga, faca de seringa, balde, tigela, sapato de seringa, raspadeira e saco de encauchado, dentre outros – e parte para a estrada de seringa para efetuar os tradicionais processos do corte da seringueira e da colha do látex. Após o término das atividades de extração, o próximo passo seria realizar a defumação no buião e confeccionar a famosa péla de borracha natural da Amazônia.

Essas peculiaridades estetizantes do homem ribeirinho foram apropriadas desde a infância pelo seringueiro brasiviano do rio Mamu, conhecido carinhosamente por Dino do seringal Pedra Chorona. Esse seringal fica localizado no Município de Santos Mercado – Província Federico Román – Departamento de Pando – Bolívia. O velho Dino sempre morou sozinho na casa que ele mesmo construiu, mas fazia questão de dizer que não se considerava um homem solitário, pois vivia segundo ele, na companhia prazerosa do rio, da mata e dos animais.

Sabedor, revelador e construtor do seu espaço de ação, o velho Dino no seu fenomênico mundo, e norteado pela cosmogonialidade das encantarias florestais do rio Mamu, utilizava-se sempre do seu arquétipo de bondade para ser generoso e complacente com as famílias de sua coletividade brasiviana. O colossal e suntuoso seringal Pedra Chorona escondia na sua inenarrável beleza as singularidades e particularidades pregnadas na alma e no imaginário do seu sublime e impoluto filho: o velho Dino.

O estudo toponímico de Pedra Chorona aponta na sua forma imaginal estetizante para uma peculiar celebração da dilaceração ou rompimento do sentimento imaculado de amor familiar. O velho Dino resistiu como pôde por aproximadamente duas décadas no silêncio de uma casa adormecida.

No espaço e tempo, e no aconchego divinizado de sua inseparável rede, Dino partiu para outra dimensão da vida e foi morar na eternidade. A comunidade brasiviana do rio Mamu ficou desolada, e esse dia ficou marcado como o dia em que o seringal Pedra Chorona chorou.

O ENCONTRO DOS DEUSES BRASIVIANOS - PARTE I



Figura 46. Fronteira – Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Na condescendência humana da tradicional coletividade brasiviana do rio Mamu – Departamento de Pando – a natureza pandina torna-se indissociável da munificente alma ribeirinha. Do fabrico da “péla” na fumaça do buião ao escoamento da borracha através dos comboios nos varadouros, o seringueiro vai se apropriando dos valores das atividades de extração e também apreendendo os ritos e mitos das divindades transcendentais dos seringais amazônicos.

O seringal Mapiri é uma exímia e fascinante demonstração de beleza dos seringais do Noroeste boliviano. Localizado entre os seringais Palmares e Potossi, o Mapiri – marcado suntuosamente pelo seu peculiar cenário florestal pandino – recebe silenciosamente as águas cristalinas do igarapé todos os santos, o mais importante afluente do rio Mamu.

Durante o ano de 2007 – um ano depois da Ascenção do Presidente Evo Morales ao governo boliviano – o lar ribeirinho do seringal Mapiri acordou atônito e angustiado com o canto nostálgico do Urutau. O seringueiro levantou-se da rede, e preocupado disse a sua família: — A mãe-da-lua-parda veio nos dizer que algo de ruim está acontecendo no rio Mamu e que a gente precisa tomar cuidado.

Naquela noite o seringueiro não conseguiu mais dormir e não colocou a poronga sobre a cabeça para cortar seringa, apenas acendeu o candeeiro no tapiri e esperou amanhecer o dia em profundo estado de desânimo. No raiar do dia, doze homens fortemente armados cercaram o velho tapiri, expulsaram a família seringueira e ordenaram que todos fossem embora. Eles apoderaram-se de alguns pertences, adentraram no batelão e navegaram com destino ao Porto Extrema no rio Abunã – Brasil.

No leito do rio Mamu várias famílias brasivianas foram surgindo em seus batelões com destino ao Brasil, e cada uma delas narravam a mesma história: o aviso da mãe-da-lua-parda e a violência execrada e xenófoba cometida contra eles. Enquanto os seringueiros brasivianos se dirigiam ao Brasil, um forte temporal surgiu de repente: as árvores tremiam como jamais visto, enquanto as águas do Mamu corriam furiosas e agitadas. Meio à natureza revoltada, o seringueiro brasiviano do seringal Mapiri, olhou exauridamente para a mulher e companheira e disse: —Todo esse movimento na mata e na água é o pai-da-mata conversando com a mãe-d'água.

Dias depois vários batelões e canoas foram atracando no Porto Extrema no rio Abunã, formando uma imensa fileira de infortúnio e desespero aos povos tradicionais da Amazônia fronteiriça. Diante da fútil execração de um estado belicoso, a família ribeirinha do Mapiri ficou morando no batelão, num cenário absurdo de desprezo, fome e agonia. Numa certa noite o seringueiro brasiviano sonha com o velho-da-canoa e ambos conversam prodigiosamente durante o devaneante sono.

No amanhecer do dia a família acorda com o barulho de um impacto envolvendo canoas e batelões. Era uma canoa solitária, sem gente, sem rumo e sem remo que inesperadamente havia chegado ao Porto Extrema. A canoa surpreendeu a todos, ela estava abarrotada de peixe e carne fresca de caça. O seringueiro do seringal Mapiri ligeiramente ajoelhou-se, e em pranto faz um emocionado agradecimento: — Foi o sonho que tive com o senhor! Foi a sua luz que me iluminou! Foi o afago acolhedor do seu abraço! Foi a minha fome que o senhor também sentiu! Obrigado velho-da-canoa!

No deslumbramento das águas, a dor é aliviada, e a poética mitológica estetizante, comtempla o imaginário privilegiado dos oprimidos. Para o antropólogo Bronislav Malinowski, o mito é um ingrediente vital da civilização humana que está longe de ser uma fabulação vã. Para o mesmo autor, o mito é uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente. Na alegria e na dor, os deuses brasivianos continuaram se encontrando, dialogando e semeando a esperança de dias melhores que oferecesse paz e dignidade às coletividades ribeirinhas do rio Mamu.

O ENCONTRO DOS DEUSES BRASIVIANOS - PARTE II



Figura 47. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Morando no batelão às margens do rio Abunã, a família do seringal Mapiri, tornou-se vítima da mais cruel ruptura entre os seus modos de vida e o rio Mamu. As relações de harmonia com a natureza foram escabrosamente dilaceradas, enquanto a felicidade sublime entrou em profunda derrocada, provocando um sentimento exacerbado da vida.

A aparência nostálgica de uma criança no batelão, chamou a atenção do pai-da-mata que recorreu à mãe-d'água-brasiviana no sentido de enviar uma mensagem ao menino-boto informando sobre a tristeza exaustiva da criança. O Deus mítico das crianças aparece fenomenal, e rodeado de diversos botos inicia uma desmesurada brincadeira. O menino-boto saltava exuberante. Os demais botos repetiam as suas fascinantes manobras fluviais, enquanto a mãe-d'água cantava eloquente, como que comandando a maestria do estetizante espetáculo aquático-transcendental de paz e felicidade no rio Abunã.

Tomado pela pureza da alegria em presenciar aquele embelecido cenário da natureza em estesia, a criança mergulhava nas águas do Abunã, e nos braços da mãe-d'água-brasiviana, ele une-se ao menino-boto que realizava as suas divinais acrobacias no virtuoso concerto vivificante do Porto Extrema. Para o Antropólogo Bronislav Malinowski o conhecimento dessa realidade revela ao homem o sentido dos atos rituais e morais,

indicando-lhe o modo como deve executá-los. O mesmo autor nos esclarece que "o mito quando estudado ao vivo, não é uma explicação destinada a satisfazer uma curiosidade científica, mas uma narrativa que faz reviver uma realidade primeva".

Os seringueiros brasivianos deixaram o rio Mamu. A tristeza invadiu as águas e a mata. Os deuses brasivianos sentiram o infortúnio da dor e o afrontoso alijamento cometido em desfavor dessas populações ribeirinhas. Mais do que nunca, os deuses precisariam reorganizar o mundo vivido, mas para isso seria necessário que eles se encontrassem e decidissem quais seriam as próximas tarefas cósmicas à serem realizadas por eles. Segundo o professor e escritor norte-americano Joseph Campbell, os mitos transmitem mais do que um mero conceito intelectual, pois pelo seu caráter interior, eles proporcionam um sentido de participação real na percepção da transcendência.

Na celebração mítica do imaginário privilegiado dos seringais do rio Mamu, os deuses brasivianos marcaram um grande encontro, e em respeito à memória coletiva ribeirinha, eles agirão impolutos e obstinados, em resposta às atrocidades cometidas contra as suas complacentes e suntuosas coletividades tradicionais da Amazônia brasileiro-boliviana.

O ENCONTRO DOS DEUSES BRASIVIANOS - PARTE III



Figura 48. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Na acepção de se manterem nos seringais do rio Mamu, os milicianos armados que expulsaram os seringueiros brasivianos, e que se intitulavam "zafreros" ou "campesinos", tiveram a nítida impressão de que estariam definitivamente fixados à terra, e que iriam desfrutar de toda a riqueza natural ali existente.

Na sua grande maioria - os "zafreros" ou milicianos armados – eram provenientes da cidade de Riberalta no Departamento de Beni, e, portanto, não possuíam nenhuma relação com os modos de vida existentes nos seringais brasivianos. Nessa clarividente discrepância entre a cidade e o seringal – no espaço e tempo – os "campesinos" ficaram desabastecidos da alimentação que recebiam dos seus financiadores, e como eram desprovidos da prática das atividades da agricultura de subsistência e dos processos de extração, eles foram cada vez mais tornando-se vulneráveis diante da desmesurada mata.

Como se não bastasse essa conturbada gama de problemas, os invasores ainda tiveram que conviver com as intempéries do tempo e com o surgimento de acontecimentos considerados inexplicáveis, e que segundo eles, a cada dia os deixavam cada vez mais atônitos e estupefatos com o que os "zafreros" denominaram de assombração. Os fenômenos foram acontecendo numa conturbada dissensão entre os deuses e o cotidiano excêntrico dos novos moradores do rio Mamu.

Numa certa noite vários homens saíram para caçar, mas retornaram para casa com profundas cicatrizes no corpo, informando que haviam sido surrados por uma pessoa altamente veloz, de estrutura pequena e muito valente. Certamente eles foram surrados pelo caboclinho-da-mata brasiviano. Na manhã do dia seguinte eles foram informados de que havia um curador numa distante colocação, mas o curandeiro e benzedor não pôde ser encontrado, pois também havia sido expulso por eles próprios. Amedrontadas, as famílias doentes decidiram abandonar os seringais de Pando e retornaram para a cidade de Riberalta.

O sol causticante perdeu o brilho, e a escuridão assolou os seringais, mas a mãe-da-lua havia saído para um encontro e não pôde ajudar na claridade. As águas do Mamu esmaeceram juntamente com a mata, e o rio ficou estagnado e intrafegável. A mãe-d'água-brasiviana não pode ressuscitar a água visto que estava participando de um encontro; o velho-da-canoa parou de remar, pois decidiu participar também do encontro; o menino-boto espantou todos os peixes e foi chamado para o encontro; as veias das seringueiras secaram, e em vez de leite, jorraram sangue no rio, mas a mãe-da-seringueira não pôde fazer nada, pois também foi convidada para o encontro.

Os novos moradores do Mamu temendo a funesta e predominante escuridão, resolveram partir para sempre, pois a terra se transformou num pântano de obliteração de vidas. As árvores tombaram funestas, sem galhos e sem flores, mas o pai-da-mata não pôde fazer nada para salvá-las porque estava presidindo um grande encontro: o encontro dos deuses brasivianos.

O HOMEM, A TERRA E O BEM VIVER



Figura 49. Fronteira Brasil – Bolívia, Santana, F. M.

Na mundividência cosmopolita da vida, o sentido de bem viver dirige-se empaticamente à prática humana da pluriculturalidade nas benévolas e heterotópicas relações do homem com a terra. Para o geógrafo Eric Dardel, a terra é a mãe de tudo o que vive, de tudo que é, e segundo o autor, um laço de parentesco une o homem a tudo que o cerca, às árvores, aos animais, às aguas e até às pedras.

A mãe terra sofre violentamente com a absurdez e avareza doentia da humanidade, que de forma aviltante insiste em querer perpetuar em suas espacialidades o catrapoço antropocêntrico dominante como forma de romper definitivamente os laços de benignidade dos humanos com o mundo. As atividades humanas quando banalizadas por grupos parasitários, causam graves sequelas nas democracias internacionais, pois danificam e abalam os pilares do ecoequilíbrio. Essas atividades desregradas, ainda fortalecem criminalmente o ecocídio planetário, através de processos desditosos que resultam na degradação do sistema socioecológico e na derrocada humilhante da vida.

Os guardiães da mãe terra evitam embustes e chicanas, e procuram adotar democraticamente as complementaridades de uma ecoética amazônica que estabeleçam princípios norteadores do bem viver. Para o escritor boliviano Pablo Sólon, a

complementaridade entre o bem viver, o decrescimento, os comuns, o ecofeminismo, os direitos da mãe terra, a desglobalização e outras propostas busca enriquecer cada um desses enfoques, criando interações cada vez mais complexas que ajudam no processo de construção de alternativas sistêmicas.

As alternativas sistêmicas brotam sem devassidão e sem atos danosos, são propostas de diálogo que alimentam o bem viver e alimentam o ser, no propósito de estabelecer diretrizes que visem o relacionamento sadio entre o homem e a terra, pois para Eric Dardel, vir ao mundo é se destacar da terra, mas sem romper o cordão umbilical pelo qual a terra nutre o homem.

Sobre a ecoética amazônica, o escritor Ricardo Castro – a partir da ética do bem viver – analisa os desafios da nossa responsabilidade humana na degradação e na preservação da vida para o presente e para futuras gerações. O mesmo autor nos diz como trilhar um caminho escosófico na busca de compreendermos o que está acontecendo com o nosso mundo, e quais as causas da contradição entre o alto nível de conhecimento científico e tecnológico e a crise de vida do nosso planeta.

O homem, a terra e o bem viver precisam urgentemente se tornarem numa tríplice ferramenta de harmonia e embelecimento estetizante entre a vida e a resistência pela dignidade da vida, entre o homem e a resistência pelo ser do homem, e entre a terra e a resistência por uma terra sem mácula.

Alberto Acosta nos oferece um brioso ensinamento a nos dizer que o bem viver aceita e apoia maneiras distintas de viver, valorizando a diversidade cultural, a interculturalidade, a plurinacionalidade e o pluralismo político. O mesmo autor ressalta ainda que o bem viver será para todos e todas, ou não será.

O MALOGRO DAS ÁGUAS E O ADVENTO DAS DUNAS BRASIVIANAS



Figura 50. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

A abnegação da consciência ambiental resulta em ações avessas à preservação serena do convívio com a terra mãe. A absurdez humana e sua altivez repugnante é uma beotice bestificada que culmina na degradação ambiental avassaladora e no acúmulo privilegiado de riquezas insaciáveis.

Efeito estufa, chuvas ácidas e buraco na camada de ozônio são exemplos de traumas ecológicos que acarreta em seus efeitos globais à execração delinquente do ecossistema. São atos burlescos da ação humana que fere profundamente o curso dos rios, alterando de forma capciosa o ciclo hidrológico da terra e condenando de maneira esdrúxula a bacia amazônica ao colapso.

O fenômeno cíclico entrou em conturbação, o lençol freático entrou em derrocada, enquanto o horripilante processo de desertificação avança desenfreado, provocando a lateralização e extinção das florestas tropicais, e asfixiando a virtuosidade e volúpia das águas estetizantes da vida.

Na fronteira Brasil – Bolívia o cenário é desolador, o batelão parou de navegar, as águas do Abunã e Mamu estão se despedindo, os ribeirinhos estão acuados, e o regatão parou de abastecer as coletividades com as suas tradicionais mercadorias por falta das vivificantes rotas fluviais.

A floresta está perdendo a sua harmonia, a natureza briosa e colossal estagnou-se diante da própria agonia, os igarapés estão esturricados, os lagos transformaram-se em crateras aterrorizantes, enquanto os rios acabaram de anunciar o malogro de suas águas e o advento das dunas brasivianas.



Figura 51. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Na cosmogonialidade do cotidiano das populações tradicionais da Amazônia brasileira, o seringueiro no seu mundo transcendental aduba a sua alma identitária com o peculiar pertencimento apreendido no secular espaço de ação de sua ontológica e topofílica vivência fenomenal.

No simbólico e heterotópico mundo do lugar, o homem ribeirinho ou beiradeiro, constrói e reconstrói a sua singular alma cultural que na estesiante dimensão dos sentimentos material e imaterial, alça voo numa aguçada imaginação que o leva aos devaneios poetizantes de sua imaculada relação com a mãe terra.

Nessa terra singular e plural, o ente seringueiro aloja em seu ser uma diversidade cultural harmoniosa e deslumbrante que o faz impoluto e suntuoso na cotidianidade do seu espaço vivido. Um espaço vivido que também é intimamente ligado aos seus inseparáveis instrumentos de trabalho, destinados à extração do látex, tais como: O balde de flandre, a poronga, a faca de seringa, a cabrita de aço, a raspadeira, o saco de encauchado, o sarugo, a estopa, o sapato de seringa, dentre outros.

Enfim, já é madrugada, o seringueiro entra na boca da estrada, as seringueiras estão sangrando, as tigelinhas foram embutidas, o látex foi recolhido, os baldes estão

abarrotados de leite, os cavacos esquentam o buião, começa e termina a defumação, chegou anoite, chegou o dia vindouro, os varadouros são percorridos até o barracão, não há saldo, mas mesmo assim, ele continua resistindo e carregando o fabuloso peso da mata.

O TAPIRI BRASIVIANO



Figura 52. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

O tapiri como marcador territorial histórico tornou-se uma tradicional unidade familiar, síntese do resultado de uma existência humana criadora de cultura, alicerçada nas obras da natureza. O tapiri é o guardião da família seringueira.

O tapiri brasiviano do rio Mamu – Floresta pandina boliviana - carrega um rico legado de vivências desde os primórdios do primeiro ciclo da borracha. O tapiri também traz em suas dependências uma diversidade de elementos simbólicos que foram sendo construídos com a dinamização de suas espacialidades.

Nesse espaço de ação, o tapiri aloja os sentimentos da família. A linguagem do espaço vivido é repassada ao lar como a mais natural forma de se criar e manter uma tradição. A presença humana lapida a existência, e a busca pelo conhecer dessa existência, é também a busca pelo conhecer do ser.

O tapiri como a casa do seringueiro integrou-se ao seu ser, pois conforme nos esclarece o escritor Gaston Bachelard, na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus sonhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e alma.

O seringueiro criou o tapiri no encontro de espacialidades, territorialidades e temporalidades, e neste encontro, a humilde barraca de palha, marcou profundamente os seus modos de vida, transformando-se num dos mais originais marcadores territoriais dos seringais amazônicos.

OS MARCADORES COSMOGÔNICOS DOS SERINGAIS AMAZÔNICOS



Figura 53. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Os marcadores territoriais estruturantes são marcas que simbolizam a dinamização do espaço e as experiências socioespaciais atreladas à essência humana, que cotidianamente vai resultando na construção e reconstrução de uma identidade coletiva.

Esses marcadores se diferem claramente dos demarcadores territoriais, ou dos marcadores estruturantes como bem definiu o geógrafo rondoniense Almeida Silva visto *que* no nosso entendimento desse autor, a 'demarcação territorial' é um dos instrumentos de gestão territorial do estado que atua sobre os divíduos e as coletividades, o que implica em estruturas de poder.

Quanto aos marcadores "cosmogônicos", Almeida Silva, relaciona este marcador com as manifestações míticas e suas ritualísticas, como expressões do comportamento humano, visto que essas representações simbólicas de força material e imaterial se manifesta das mais variadas formas nas coletividades indígenas e tradicionais do espaço amazônico. Neste sentido o mesmo autor nos esclarece o seguinte:

"No caso das coletividades indígenas e coletividades "tradicionais", os mitos são representações simbólicas que estão interligados à cosmogonia e aos aspectos ritualísticos e psíquico-espirituais e constituem um "sistema" de relações, que através do espaço de ação realizam as experiências socioespaciais no cosmo e microcosmo. Assim, esses "marcadores" organizam a vida coletiva por meio dos valores cosmogônicos, morais e espirituais".

Os seringais amazônicos são fortemente marcados pelas diversas manifestações mitológicas de suas coletividades ribeirinhas. Essas particularidades variam de acordo com a formação histórica e geográfica das mais variadas populações tradicionais da Pan – Amazônia.

A mãe da seringueira, por exemplo, observa atentamente todas as relações cotidianas existentes entre às suas filhas seringueiras e as atividades de extração do látex pelos seringueiros em suas colocações. Qualquer ação cometida que venha prejudicar as seringueiras, torna-se alvo de punição contra os seringueiros.

O ex - seringueiro José Nogueira nos conta que se o seringueiro abusasse do corte da seringueira, ele pagaria muito caro com isso, pois se caso ela chegasse a morrer, as outras seringueiras lhe negavam o leite. Observemos o depoimento dele:

"Eu mesmo conheci um seringueiro que se meteu a besta aqui no rio Mamu e inventou de querer cortar seringa mais do que os outros. Ele queria sempre ser o melhor, para no final do ano dizer que fez mais pelas de borracha do que os outros. Foi indo, foi indo, aí um dia eu disse que um dia ele ia achar o dele. E achou mesmo. Você acredita que o abestado cortou tanto a seringueira que ela secou? Meu amigo, não deu outra, esse homem corria estrada por estrada e as seringueiras negavam o leite para ele, aí ele ficou assombrado, e teve que ir embora para outra colocação bem longe dali. Foi um castigo que a mãe da seringueira deu nele. Vixe, eu já vi tanta história da mãe da seringueira, quem entende sabe disso, e quem não acreditava, só passava a acreditar depois que ela se vingava dele".

A caça realizada pelo seringueiro era controlada pelo Caboclinho da mata que não permitia o abuso excessivo de abates de animais na colocação. Só se podia matar o suficiente para o consumo, caso contrário o seringueiro era penalizado com uma série de chicoteadas no seu corpo. Observemos que a força mítica tinha o poder de organizar o espaço vivido dos seringais amazônicos.

Essa narrativa nos mostra que o mito como marcador cosmogônico, faz uma integração do mundo imaterial ao espaço de ação do seringueiro. Esta aproximação entre o humano e o não – humano, demonstra uma interferência simbólico – mitológica nos modos de vida do homem ribeirinho, e sua imbricada relação com a terra.

OS MARCADORES FUNCIONAIS DOS SERINGAIS AMAZÔNICOS



Figura 54. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

No estudo desses marcadores, a historiadora portuguesa Isabel Henriques faz referência em particular àqueles ligados à atividade comercial, que, naquela região, desempenhou importante papel na organização das sociedades da África Ocidental e Central, à Sul do Equador. Os caminhos comerciais são considerados pela autora como importantes marcadores funcionais.

Referindo-se a Henriques, o geógrafo rondoniense Almeida Silva diz que a autora contextualiza ainda que os vegetais, minerais ou aquáticos – talvez se referindo a rios, lagos e cursos d'agua, peixes – tinham a finalidade de servir como orientação para os coletivos daquele país.

Segundo Almeida Silva com base nesses exemplos, os coletivos ameríndios e “tradicionais” também se situam, se orientam e desenvolvem suas relações com outros divíduos de parentesco, através de trilhas e caminhos na floresta e rios com “rede” entre as aldeias, tendo várias espécies de árvores como norteadoras desses percursos – embora na atualidade também se sirvam de estradas construídas por máquinas.

Com o advento da batalha da borracha ou segundo ciclo da borracha (1942 – 1945), as casas aviadoras haviam atravessado sérias dificuldades em virtude da crise da borracha com o fim do seu primeiro ciclo. Carlos Alberto Souza relata que as casas aviadoras ainda se ressentindo da crise da produção da borracha de 1913, o abastecimento da região ficou também sob a responsabilidade de órgãos do governo brasileiro e dos Estados Unidos.

Souza nos diz ainda que com o fim da “Batalha da Borracha”, as ações do governo federal brasileiro e dos Estados Unidos, foram desmobilizadas, ficando novamente a produção da borracha motivada pelos interesses das casas aviadoras que já não existiam mais nos moldes das do primeiro surto da borracha.

Mas mesmo diante de todo este aparato comercial – administrativo que fortalecia cada vez mais os poderes atribuídos ao seringalista, no percurso das rotas fluviais, ainda existia a figura do regatão, uma espécie de marreteiro comerciante independente que se utilizava dessas rotas fluviais para negociar seus produtos, principalmente com os seringueiros, que às vezes se utilizavam desse negócio tentando fugir das exorbitantes dívidas com o barracão.

Nos deteremos agora aos caminhos percorridos pelos seringueiros como relevantes marcadores funcionais atrelados aos seus modos de vida. Para que a borracha chegue até ao pequeno tapiri, onde está instalado o defumador, o seringueiro precisa percorrer a tradicional estrada se seringa, local onde fica localizada as seringueiras de sua colocação. Quando os seringueiros chegavam pela primeira vez na colocação, o seringalista enviava dois funcionários seus para realizar os trabalhos de demarcação das estradas de seringa, que eram, o mateiro e o toqueiro.

Geralmente o mateiro era um assíduo conhecedor do seringal, um conhecimento herdado das primeiras atividades de extração do látex durante o primeiro ciclo da borracha. O toqueiro trabalhava em conjunto com o mateiro, e era o responsável pelos trabalhos braçais de abertura das estradas, inclusive o de arrancar tocos de árvores que pudessem causar obstáculos à passagem seringueiro.

Nas estradas de seringa os seringueiros construíram as chamadas “esperas”, onde eles se escondiam, geralmente em locais mais altos para abater as “caças”. Geralmente a colocação do seringueiro possuía de 3 a 6 estradas de seringa, e cada estrada possuía aproximadamente de 150 a 200 árvores. O pesquisador acreano Raimundo Souza nos dá uma importante definição dos caminhos que constituem a estrada de seringa:

“O caminho das estradas de seringa tem aproximadamente o formato de uma circunferência ovalada, tendo como ponto de partida a “boca da estrada”, local onde sai dois caminhos, em ângulo com abertura aproximada de quarenta e sessenta graus progressivamente, um denominado de perna esquerda e outro de perna direita. Seguindo por uma das pernas, o ponto mais equidistante onde o caminho fizer a curva para retornar pela outra perna, denomina-se de “rodo”, além desse curso normal da circunferência, ainda existem as “mangas”, que são pequenos caminhos sem saída (20 a 30 m) que se apresentam, perpendiculares à perna da estrada e são utilizados para colher o látex de uma ou duas seringueiras que existem fora do curso normal da estrada. Existem ainda os “oitos”, que são circunferências menores, como se fossem pequenas estradas, que podem existir saindo da perna normal da estrada, onde se entra por uma perna e sai pela outra e depois o caminho continua na estrada principal, até chegar novamente na “boca da estrada”.

Os caminhos constitutivos das estradas de seringa tornam-se peculiaridades tradicionais de espacialidades e territorialidades imbricadas nos modos de vida dos seringais. *“Ao atribuirmos espacialidade à presença, temos evidentemente de conceber este ‘ser-no-espaço’ a partir de seu modo de ser”, como nos alerta o filósofo Martin Heidegger*.

Neste sentido, é importante ressaltar que *"Toda espacialização geográfica, porque é concreta e atualiza o próprio homem em sua existência e porque nela o homem se supera e se evade, comporta também uma temporalização, uma história, um acontecimento"*, conforme esclarece Eric Dardel.

O homem seringueiro no seu espaço e tempo é uma prova incontestável de superação, frente ao conjunto de adversidades que cotidianamente teve que superar. Os caminhos percorridos por ele, iniciando seu percurso ainda de madrugada, demonstra toda a sua força de existência, capaz de extrair seu sustento e o sustento da família, num cenário florestal denominado colocação. É importante destacar que toda essa árdua atividade de extração do látex nas estradas de seringa, o seringueiro utilizava indispensáveis instrumentos de trabalho que se tornaram inseparáveis ao seu cotidiano, conforme relata com precisão o escritor e ex-seringueiro Raimundo Souza:

Balde (recipiente cilíndrico, com boca estreita, de fabricação artesanal, feito de flandre, com capacidade para quatro ou cinco litros de líquido); poronga (lamparina com armação para encaixar na cabeça, de fabricação artesanal e feita de flandre); faca de seringa (lâmina estreita de aço, com uma das extremidades afiada e curvada e a outra com um pequeno gancho que se encaixa na cabrita); cabrita (lâmina de aço com uma extremidade curvada para encaixar a faca de seringa e a outra presa a um cabo de madeira com aproximadamente 30 cm de comprimento); raspadeira (lâmina de aço com uma extremidade curva – noventa graus – afiada e a outra presa a um cabo de madeira em forma de uma pequena enxada), sua utilidade é para raspar a casca da seringueira, visando facilitar a execução da sangria, no local da bandeira (parte da árvore – seringueira – delimitada para a sangria ou corte); saco de encauchado (saco de fazenda, impermeabilizado com o látex defumado, utilizado para carregar o látex); sarugo (tipo de corda elástica, fabricado com látex, utilizado para amarrar a boca do saco de encauchado) e estopa (definida anteriormente), e ainda, colocar os sapatos de seringa e roupas de trabalho no local certo, para não haver perigo de atrasar a saída na madrugada seguinte.

Como podemos observar, as estradas de seringa e o homem seringueiro com seus utensílios de trabalho, nos apresenta uma diversidade de experiências pessoais descritas por Souza, que retrata as singularidades de vivências socioespaciais inseridas no cotidiano das colocações.

Desta forma, as descrições acima mencionadas, constituem importante marcador territorial funcional no contexto da Pan – Amazônia brasileiro – boliviana. Os marcadores territoriais estruturantes a seguir, foram desenvolvidos com fundamental relevância por Almeida Silva que nos traz uma farta contribuição científico – literária nos estudos desses marcadores às coletividades indígenas da Amazônia brasileira. Neste sentido, também procuro integrá-los às comunidades tradicionais da Pan – Amazônia brasileiro – boliviana como é o caso aqui mencionado sobre os marcadores funcionais dos seringais amazônicos.

OS MARCADORES INSTRUMENTAIS DO SERINGUEIRO



Figura 55. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Sobre os marcadores estéticocorporais, o geógrafo e escritor rondoniense Almeida Silva, define que são aqueles que tem relação direta com o indígena, representam a própria identidade cultural que carrega no corpo e no espírito e revela a relação íntima com a espiritualidade, com a natureza e consigo mesmo.

Nesse sentido, e procurando demonstrar a relevância desses marcadores no contexto dessas coletividades, o mesmo autor cita como exemplo: *"as pinturas para a guerra ou na celebração de rituais (...), colares, pulseiras, a disposição do corte de cabelo, que são expressões claras do pertencimento cultural"*. Ele esclarece ainda que esses marcadores *"ficam evidenciados e presentificados de maneira especial em manifestações ritualísticas – cruzes, crucifixos, entre outros – e festas religiosas. Como exemplo, situamos os casos dos exotéricos e culturas africanas e hindus".*

Nas populações tradicionais dos seringais amazônicos, em vez de marcadores "estéticocorporais", denominaremos aqui de "marcadores instrumentais" de trabalho do seringueiro que sempre fizeram parte da cotidianidade dos seringais e de suas colocações. Vários utensílios pessoais de trabalho, utilizados principalmente nas atividades de extração do látex, constituíram – se como importantes aspectos desses marcadores.

Como exemplos, citaremos aqui, alguns utensílios que o seringueiro utilizava em seu corpo para realizar esse processo de extração, tais como, a faca de seringa (uma lâmina estreita de aço, com uma das extremidades afiada e curvada e a outra com um pequeno gancho que se encaixa na cabrita); a cabrita (lâmina de aço com uma extremidade curvada para encaixar a faca de seringa e a outra presa a um cabo de madeira com aproximadamente 30 cm de comprimento); a poronga é uma lamparina com armação para encaixar na cabeça do seringueiro, de fabricação artesanal e feita de flandre.

O sapato de seringa, era também, outro importante marcador instrumental utilizado diariamente pelo seringueiro, desde a extração e colha do látex na estrada de seringa, até a defumação da borracha no buião, instalado no tapiri.

Como podemos observar o homem seringueiro com seus utensílios de trabalho nos apresenta uma diversidade de experiências pessoais que retratam as singularidades de vivências socioespaciais inseridas no cotidiano de suas colocações. Dessa forma, as descrições acima mencionadas, constituem importantes marcadores territoriais da Amazônia brasileira que continuam imbricados no rico imaginário dos povos da floresta.

OS MARCADORES LINGUÍSTICOS DOS SERINGAIS AMAZÔNICOS



Figura 56. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

A linguagem dos seringais está intimamente ligada aos modos de vida do seringueiro. A vida na floresta proporciona uma importante estrutura sócio-linguístico-cultural, composta por uma vasta rede de unidades lexicais que representa em sua forma tradicional as peculiaridades do discurso do homem da floresta.

O marcador territorial linguístico, especificado pelo geógrafo Almeida Silva é caracterizado por ele – dentre outras relevantes características – como uma condição sine qua non que o divíduo carrega, traduzinho sua internalidade e exterioridade pessoal e territorial, porque segundo o *autor* onde quer que esse divíduo caminhe estará conduzindo esse marcador como algo inerente, como pertencimento.

Podemos observar que as unidades lexicais que preenchem o vocabulário linguístico dos seringais não são fenômenos isolados e separados do universo extralinguístico, visto que a língua é um fator social inseparável da vida e da cultura de uma comunidade falante.

O seringueiro, pois, carrega em si uma vasta rede de conhecimentos originados de um complexo imaginário imortalizado na floresta. Seu acervo lexical flui naturalmente através de uma língua imbricada em sua cotidianidade. São palavras ou vocábulos que expressam os conhecimentos adquiridos no seu espaço vivido.

Ao discorrer sobre o fenômeno da linguagem o filósofo Martin Heidegger nos informa que o fundamento ontológico-existencial da linguagem é o discurso, pois segundo ele, o discurso é um existencial originário da abertura, constituído primordialmente pelo ser-no-mundo, ele também deve possuir, em sua essência, um modo de ser especificamente mundano. Para o mesmo autor, a linguagem pode ser estilhaçada em coisas-palavras simplesmente dadas, porque existencialmente, o discurso é linguagem porque aquele ente possui o modo de ser-lançado-no-mundo, dependente de um mundo.

Mencionaremos aqui o depoimento do soldado da borracha, Manoel Gomes de Oliveira – falecido no ano de 2018 – na época em que ele ainda trabalhava na extração de seringa, o seu filho ficou muito doente. Em sua narrativa ele pede ajuda a um compadre seu que era muito conhecedor da medicina popular. Esse sabedor chamava-se João Amaral e era conhecido nos seringais dos rios Mamu e Abunã como João "Pretinho". Ele possuía uma vida dedicada a socorrer as pessoas doentes de toda Região da Ponta do Abunã e demais comunidades fronteiriças.

Observemos a narrativa do seringueiro Manoel Gomes sobre o atendimento do seu filho pelo sabedor João Amaral:

"Quando o menino ficou doente eu peguei e levei para o João pretinho rezar, dito o menino que tinha pneumonia que me dava trabalho quando estava doente. Um dia eu cheguei com o menino, ele me perguntou o que a gente estava fazendo lá, eu falei que nós tínhamos ido lá passear. Deitei o menino numa rede e fiquei balançando, quando me dei fé, o menino estava morrendo, aí eu gritei para o compadre João que se achegasse, pois, o menino estava morrendo. Eli correu, pegou o menino e levou para um quarto e me perguntou se eu tinha copaíba em casa, eu falei que sim, então ele me mandou ir buscar um pouco, para ele começar o trabalho. Quando cheguei com a copaíba, entreguei para ele, que pegou o gergelim, pilou um pouco e misturou com a copaíba. Passou num corpo do menino da cabeça ao pé. Depois pediu a primeira camisa que o menino vestiu. Então fui em casa buscar, ele pegou a camisa e uma bacia com água. Tocou fogo na camisa e colocou dentro da bacia com água, porque se a cinza da camisa fosse para o fundo, o menino morria, mas se ficasse sobre a água, ele não morria. A cinza ficou por cima, então ele disse que o menino estava com anemia no sangue, que podia levar no médico, mas que daquela doença o menino não morreria. Ele me disse que eu tinha que ficar sete dias na casa dele com o menino, para ele poder se recuperar. No sétimo dia ele me liberou, aí eu fui para Rio Branco com o menino. Cheguei lá o médico me falou que o menino estava mesmo com anemia. Então o doutor Moura passou o remédio que curou, mas o menino não cresceu muito".

No depoimento do soldado da borracha, podemos observar que através de sua linguagem peculiar, as comunidades tradicionais possuem uma histórica sabedoria popular sobre a utilização de ervas medicinais nos variados casos de doenças surgidas nos seringais. Atualmente, essas ervas medicinais foram substituídas por remédios alopáticos,

fabricados por grandes indústrias farmacêuticas que mantém e domina o uso em alto custo desses produtos industrializados.

Manoel Gomes demonstra em suas narrativas, através de uma linguagem que representa os seus saberes e fazeres, que o ente em sua existência espacial, inicialmente valorizou o silêncio como forma de aprendizagem, para que posteriormente, através de sua fala, pudesse valorizar a sua forma de ser.

O marcador territorial linguístico, como um marcador estruturante, assim caracterizado por Almeida Silva, nos traz a relevante oportunidade de demonstrar as singularidades do ente, vivenciadas nas espacialidades e temporalidades, e reproduzidas através de sua fala como resultado de suas experiências de vida.

A seguir o soldado da borracha relata em mais uma narrativa, um pouco do cotidiano vivido em sua colocação, onde demonstra um vocabulário rico de conteúdos peculiares entrelaçados aos modos de vida dos seringais. Através deste importante marcador linguístico é possível detectar semanticamente a utilização do léxico do seringueiro amazônida, tais como: Estrada de seringa, tigela, paneiro, buião, balde e demais palavras – anteriormente conceituadas em outros marcadores – utilizadas no seu espaço de ação. Vejamos:

"O serviço do seringal começava cedo, às quatro horas da madrugada. Eu me levantava, fazia café, pegava minhas facas de seringa e saia para entrar na mata para cortar a seringa. Era uma estrada com duzentas árvores de seringa, tinha árvore que dava mais de cinco tigelas de seringa. Fechava o corte umas dez horas da manhã. Chegava em casa cansado, ainda tinha que fazer comida. Comia, pegava o paneiro, um saco de seringa encauchado e um balde, que era para colocar o leite, uma paletinha para limpar as tigelas. Quando o balde estava cheio, eu botava no saco e amarrava, botava nas costas e me mandava pegar o resto do leite de seringa. Quando chegava em casa ia para o defumador, tinha uma baciona para colocar o leite e já trazia um cipó que era para aquecer o leite, para ficar grosso. Tocava fogo no buião que era para defumar o leite. Era cavado um metro, tinha que fazer um suspiro para colocar o fogo e uma boca em cima para sair a fumaça e defumar o leite. As madeiras eram carapanaúba, breu, coco babaçu. Essas eram as melhores para defumar a seringa. Eu amarrava uma corda na linha da defumadeira; um gancho para colocar um cavador da borracha, após cinco dias eu ferrava a borracha, colocava minha marca, então eu ia trabalhar para tirar borracha. O patrão mandava buscar a borracha de quinze em quinze dias. O tropeiro vinha buscar a borracha na minha casa e levava para o barracão que ficava na beira do rio Abunã".

Apesar das dificuldades atreladas à época do processo de extração, Manoel em sua narrativa demonstrava possuir satisfação na sua relação com o seringal. As lembranças de sua terra natal e do percurso que ele realizou de Fortaleza à Manaus, continuavam presentes no seu rico imaginário. O seu novo espaço amazônico - vivido na colocação, no tapiri e nas estradas de seringa – foi aos poucos sendo transformado, e transformando os modos de vida de Manoel.

OS MARCADORES MUSICAIS DOS SERINGAIS AMAZÔNICOS



Figura 57. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Os marcadores musicais dos seringais amazônicos possuem uma relação que envolve o seringueiro em sua cotidianidade, marcada num espaço vivido onde a solidão e a alegria se manifestam como algo real, e que podem, meio aos seus antagonismos sentimentais, conviverem incorporadas aos seus modos de vida. No contexto de sua existência, o seringueiro desde que adentrou na vastidão da floresta amazônica, adaptando-se à novos fazeres em suas colocações, cotidianamente foi dinamizando seu espaço e revelando a essência do ser. Segundo Eric Dardel é nesse “Espaço onde se desenvolve a existência, porque ela é, em essência, extensão, porque ela procura um horizonte, direções, existências que dela se aproximam, porque a vida lhe oferece percursos a seguir, fáceis ou acidentados, seguros ou incertos”.

Sobre os marcadores musicais no território africano, a historiadora Isabel Henriques relata que esses marcadores são utilizados não só para produzir músicas, porque permitem estabelecer relações à curta e longa distância entre os diferentes grupos. Ela nos diz que “Em todos esses casos verifica-se que um dos suportes mais evidentes do processo de socialização está ligado a uma tríade fundamental: música, dança, canto”.

Os primeiros migrantes dos seringais em busca de afastar a solidão e a saudade que ficou guardada apenas em suas lembranças, e na ausência de mulheres em suas colocações, os rapazes divertiam-se dançando juntos e batendo em latas e troncos de madeira, geralmente utilizando o forró, música tradicional da caatinga nordestina. Com o passar do tempo, e agora tendo a família como importante núcleo familiar, a diversão foi se intensificando, agora à base de sanfona, triângulo e zabumba. Para o escritor acreano Raimundo Souza, “Pode-se afirmar que a festa é um lugar de manutenção de identidade do seringueiro”.

Sobre os marcadores musicais nas coletividades indígenas, o geógrafo Almeida Silva nos informa que “a confecção de um instrumental musical, flautas, tambores, etc., estão repletas de ritualidades, isto é, exige uma preparação espiritual”.

Para Raimundo Souza “A maioria dessas festas no seringal aconteciam por motivo dos adjuntos, ocasião onde os seringueiros se reuniam e em um só dia brocavam (derrubavam o mato na base do terçado) para o anfitrião e, como uma certa recompensa ou mesmo para divertir os homens que trabalhavam duro durante o dia, a noite serviam um farto jantar, geralmente regrado a muita carne de porco doméstico e de caça silvestre, e em seguida acontecia uma festa tocada a sanfona, zabumba, pandeiro e triângulo”.

Nos seringais, o marcador musical além de proporcionar momentos de lazer no meio da floresta, também servia de importante meio de socialização entre as famílias espalhadas em diversas colocações. Por um momento as dificuldades são postas de lado, a solidão transforma –se em interação coletiva, e o espaço adquire novas intimidades, novos horizontes e novas afetividades. Conforme nos esclarece Gaston Bachelard “Qualquer que seja a afetividade que matize um espaço, mesmo que seja triste ou pesada, assim que é expressa, poeticamente expressa, a tristeza se modera, o peso se alivia”.

Dessa forma, o seringueiro em seu espaço de ação foi se constituindo o “ser – aí” numa temporalidade em que foi cotidianamente aprimorando sua essência humana. O ser humano passava a ser seringueiro em sua espacialidade, que por sua vez passava também através do “ser – com”, na sua relação com os demais seringueiros e com a floresta, a extravasar a descoberta da existência do ser.

O ente, foi assim, descobrindo novos saberes e fazeres que cotidianamente foi revelando seu ser. Sobre a cotidianidade, Martin Heidegger nos diz que “não se devem extrair estruturas ocasionais e acidentais, mas sim estruturas essenciais. Essenciais são as estruturas que se mantêm ontologicamente determinantes em todo modo de ser de fato da pre-sença”.

OS REMÉDIOS DA MATA



Figura 58. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Os conhecimentos ancestrais das plantas medicinais em comunidades indígenas não devem cair no esquecimento pois cada vez mais uma imensa diversidade dessas espécies vegetais está sendo substituída por remédios alopáticos em nome de poderosos laboratórios biotecnológicos e de grandes indústrias farmacêuticas que dominam a produção e uso desses medicamentos industrializados.

Podemos observar na essência da oralidade do saber indígena a nítida preocupação de preservar sua cultura e seu relacionamento imaculado com a natureza. Nesse vasto acervo de espécies vegetais que integra a grandeza desta rica biodiversidade florestal estão presentes os saberes originais do povo indígena, sustentado em suas vivências sócio – culturais com o meio ambiente.

É no contexto desses modos de vida que fluem seus conhecimentos ancestrais, que é repassado de geração em geração e que fortalece a identidade dos coletivos indígenas na dinâmica do tempo e na fortaleza de um espírito divinal que vai do mítico ao real, cravando a terra com suas ações milenares.

Essa fonte de riqueza natural e tantas outras diversidades de plantas medicinais encontradas na floresta precisam ser muito bem preservadas e não podem ficar no

anonimato ou serem excluídas dos conhecimentos tradicionais das comunidades indígenas em seus territórios. Essa inesgotável fonte de conhecimentos ancestrais e seus saberes locais são peculiaridades oriundas de gerações milenares que ainda sobrevivem na relação do homem com a natureza.

Que a ausência de pajés e parteiras - que utilizavam uma variedade de plantas medicinais em suas atividades tradicionais na aldeia - possam através de iniciativas inovadoras, despertar novas alternativas de integração educacional tanto em oficinas escolares, tanto em atividades de campo que envolva a participação conjunta de anciãos e anciãs no sentido de repassarem essas experiências de seus conhecimentos originais para que crianças e jovens passem a conhecer e a valorizar ações de grande valia cultural como a preservação, resgate e utilização das plantas medicinais no contexto da etnofarmacologia da floresta.

Os conhecimentos originais dos povos indígenas têm demonstrado um conjunto de valores etnobotânicos e etnofarmacológicos, dignos de uma grande honradez em respeito e atenção a sua ancestralidade mítica e ritualística que traduz um forte sentimento de entrelaçamento entre seus indivíduos e a natureza cósmica.

Enfim, as espécies vegetais em suas várias maneiras de preparo, tais como, infusão, decocção, maceração, xarope, garrafadas, compressas, dentre outras, contribuem significativamente para uma saúde de qualidade e ainda resultam em benefícios socioeconômicos relevantes, visto que em algumas enfermidades, as plantas medicinais comprovam a sua eficácia, tanto no âmbito preventivo como curativo, fazendo com que os medicamentos industrializados sejam menos utilizados em suas comunidades.

OS SABERES ORIGINÁRIOS E A DESCOLONIZAÇÃO AO SER



Figura 59. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

No mundo fenomênico florestal há sempre um sentimento de incompletude na alma de seus povos originários que buscam nos seus valores ancestro-cosmogônicos várias formas de luta e resistência contra a globalização neoliberal da sociedade envolvente.

Os ritos e mitos dos povos originários não são atributos axiológicos estáticos e congelados, pelo contrário, eles estão presentes nas singularidades e pluralidades de cada modo de vida de uma coletividade. Esses coletivos indígenas sobrevivem alimentados pela fé de uma espiritualidade que se apresenta como uma coluna de força contra a invisibilidade e apagamento de seus sagrados direitos constitucionais.

Nesse enfrentamento contra o status quo vigente, as nações indígenas no altar de uma visão holística, lutam para reencontrar os caminhos empáticos do bem viver. Mas a visão estereotipada de tudo da sociedade envolvente não permite a descolonização da mente e ainda abre espaço para ações reacionárias dentro dessas coletividades através de práticas clientelistas que asfixiam seus originais saberes ancestrais.

Esse modelo conservador de amarras coloniais é um estigma ardiloso que infelizmente faz perpetuar o engessado sistema mental europeizado, e que avessamente impede a descolonização necessária do ser. Lutar contra esse discurso hegemônico-dominante não é uma tarefa fácil, mas certamente, a resistência em desfavor desse conceito eurocêntrico opressor precisa continuar na sua forma mais obstinada possível.

O imaginário privilegiado dos povos indígenas não deve cair na invisibilidade, os seus saberes ancestrais não devem cair no esquecimento, e os seus direitos sagrados não devem ser minimizados diante de concepções estigmatizadoras da sociedade envolvente.

OS SILENCIADOS DA BORRACHA



Figura 60. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

A embelecida mata amazônica tornou-se mais deslumbrante com a complacente e obstinada chegada dos soldados da borracha. Nesse vivificante enleamento do homem com a natureza, a territorialidade seringueira surge de forma iniludível, como a mais generosa esperança de cessar a fome daqueles que a tratavam com o mais peculiar sentimento de devoção.

A fecunda e frondosa árvore seria tratada, a partir daquele momento, através de uma honradez ontológica humana advinda do pertencimento seringueiro. Nessa complacente reciprocidade florestal, ambos se imbricavam na imaculada arte do corte e da colha.

No espaço e tempo, a vivência deu à luz ao lugar, e nessa peculiar e plural poética estetizante, o espaço vivido é transcendentalmente entranhado ao ser com toda a força divinal de uma devaneante exuberância cósmica amazônica.

Nesse imaginário privilegiado, a mãe-da-seringueira observa, a mãe-d'água canta, o caboclinho-da-mata cuida, o velho-da-canoa orienta e o boto encantador deseja. São essas exaltações míticas da alma que organizam e humanizam o espaço de ação, que enriquecem a memória coletiva, que estreitam as relações do homem com a terra, que vivificam as encantarias florestais, e que alimentam a substância ontológica do ser.

No caminhar devaneante da vida, essas relações foram dilaceradas por concepções estereotipadas e estigmatizadoras da sociedade envolvente, o mundo ancestro-cosmogônico passou por despóticas rupturas, representações e simbolizações foram extirpadas da alma, enquanto as almas desalojadas do lugar continuam nos seus rituais míticos, venerando os silenciados da borracha.

OSSOS DA MATA



Figura 61. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Era uma vez uma embelecida e harmoniosa mata que na sua estesiante fascinação nos ofertava um colossal deslumbramento de sua briosa e imensurável generosidade que alimentava de forma suntuosa os benevolentes guardiães da terra mãe.

Era uma vez uma pujante terra mãe que na sua radiante graciosidade reluzia virtuosa na volúpia inenarrável de sua prodigiosa e inefável beleza. Uma beleza vivificante e encantadora que despertava na pureza da alma o iniludível e dadivoso prazer dos sentidos.

Era uma vez um prazer dos sentidos imbricado ao ser dos entes, enleado a uma fé originária transcendental e entrelaçado às encantarias míticas do lugar. Um lugar impregnado de forma empática aos modos de vida dos povos da mata, uma mata inebriante e divinal, adormecida na simbólica heterotopia de vida e de mundo poético-estetizante.

Agora este mundo perece, assim como perece as suas representações simbólicas, a hermenêutica das paisagens, a toponímia dos lugares, o sentimento e o enraizamento ao espaço vivido, os valores ancestro-cosmogônicos, e os ritos e mitos transcendentais da imaterialidade da alma.

Agora o ecoequilíbrio perece, o ecocídio avança desenfreado, os povos da mata perecem sob o jugo do embuste ardiloso, a empatia deu lugar a empáfia e as forças originárias sucumbem enclausuradas.

Enquanto tudo perece, o escárnio esdrúxulo e sem escrúpulo dos dominantes, espolia e ceifa com ódio profundo o habitat natural das minorias étnico-raciais marginalizadas que no derradeiro suspiro tombam para se misturar aos funestos ossos da mata.



Figura 62. Assentamento PAF Jequitibá. Candeias do Jamari – Rondônia. Santana, F. M.

Das mais de 80 famílias expulsas do rio Mamu na Bolívia, 25 famílias foram assentadas no PAF Jequitibá no Município de Candeias do Jamari no Estado de Rondônia a partir de 2013. Os assentados não receberam casas e ficaram alojados em barracas montadas pela Defesa Civil. A Organização Internacional de Migrações – OIM, disponibilizou cestas básicas e algumas ferramentas de trabalho, enquanto os assentados iniciaram a escavação do tradicional poço amazônico em busca de água.

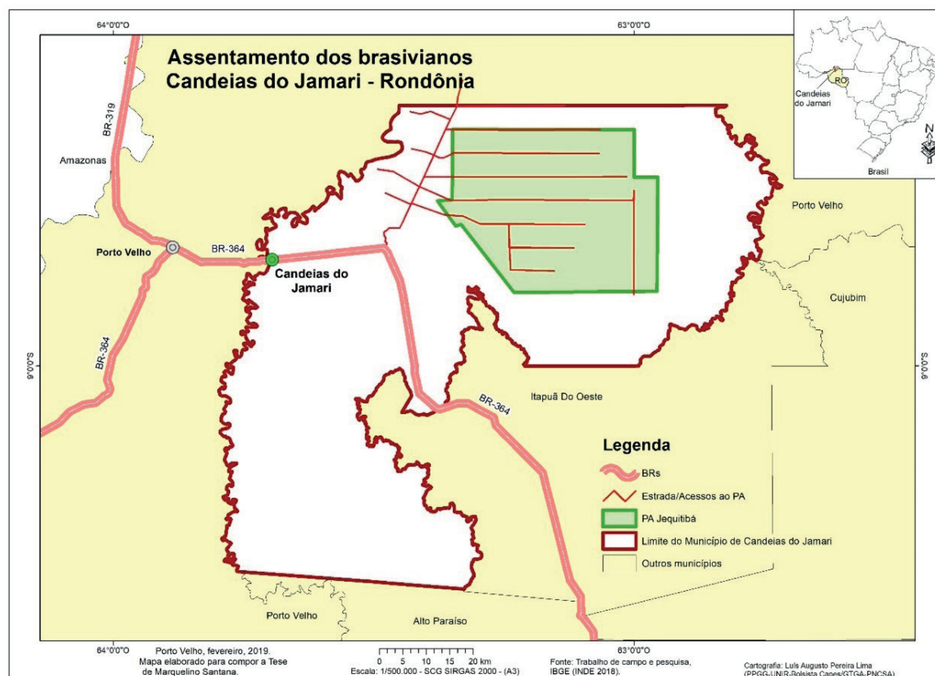


Figura 63. Mapa do PAF Jequitibá. Candeias do Jamari/Rondônia. Fonte – Trabalho de campo e pesquisa de Marquelino Santana. IBGE. (INDE 2018).

O assentamento nasceu condenado ao malogro e na mendacidade do discurso tecnocrata. Os brasivianos foram obliterados pela ineficiência da máquina estatal. Diante da extrema humilhação em decorrência da perniciosidade da desonra pública, os assentados oriundos de uma fronteira bélica e ao mesmo tempo lutulenta, foram aos poucos sendo postergados e suprimidos por um estado de miserabilidade humana.

A chegada dos brasivianos no Assentamento Jequitibá tornou-se uma situação lamentável. Os assentados tiveram que construir às duras penas suas próprias casas se quisessem continuar fixados na terra.

Um Estado nacional tacanho e tácito fez com que os extrativistas desistissem da terra, que sem nenhuma assistência governamental retornaram aos seus casebres improvisados ou emprestados de parentes no distrito de Extrema, na mesma fronteira onde se instalaram após a expulsão do rio Mamu.

Os viveres da floresta pandina boliviana com suas singularidades e pluralidades da Amazônia boliviana foram substituídos por uma vida de hostilidade horripilante.

O inefável hibridismo amazônico onde os brasivianos tornaram-se entrelaçados e imbricados na sua relação natural com a terra ficou marcado no imaginário social de uma coletividade que diante do mais cruel impropério viu uma vida inteira desabar e ser transformada na mais fútil mendicância.

PARA ONDE FORAM OS BRASIVIANOS? - PARTE II



Figura 64. Assentamento Wálter Acre - Bujari – Acre. Santana, F. M.

Desde de quando foram expulsas dos seringais bolivianos do Departamento de Pando com a Ascenção de Evo Morales ao poder, aproximadamente 40 famílias que residiam no rio Mamu, foram assentadas no Programa de Assentamento Wálter Arce - a partir de 2013 - no Município de Bujari no Estado do Acre.

Sem nenhuma assistência do Governo federal, algumas famílias não conseguiram êxito, outras, porém, resistiram como puderam: cavaram poços, construíram casas, farinheiras, galinheiros e fizeram plantios de mandioca, café e banana, na incansável luta pela sobrevivência e na construção de novos modos de vida.

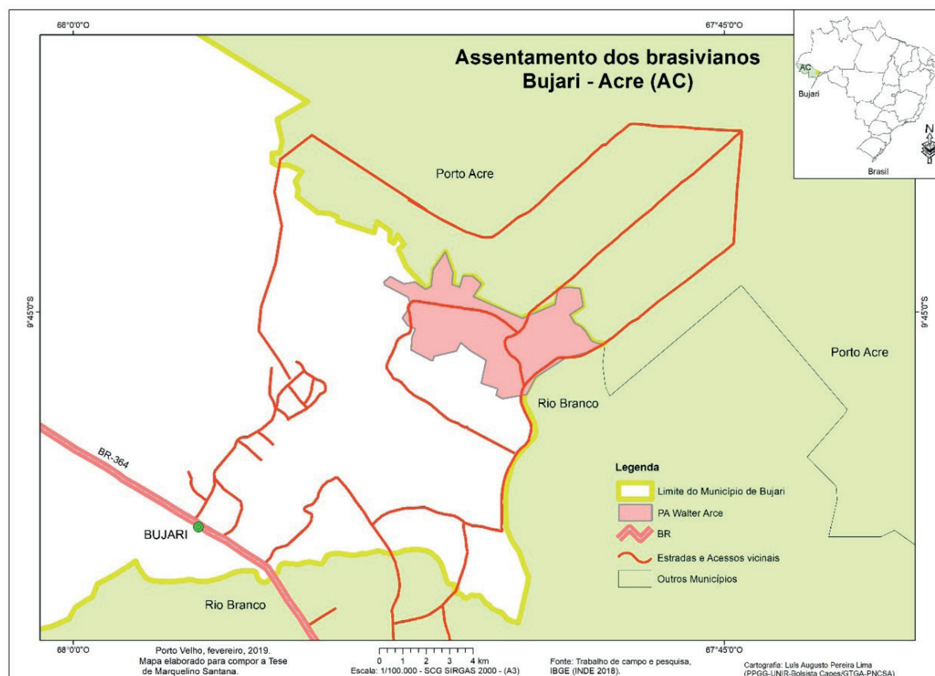


Figura 65. Mapa do assentamento Wálter Arce. Bujari – Acre. Santana, F. M.

A ineficiência e a falta de austeridade em políticas públicas impedem o surgimento de paradigmas que resgate a dignidade e a decência. No assentamento Wálter Arce os brasivianos do rio Mamu resistem a um truculento descalabro de atrocidades que deteriora valores, aniquila a emancipação, extermina o imaginário, fere a cidadania, afugenta saberes e escamoteia a realidade.

Eles também tiveram que arcar com todas as dificuldades para poderem permanecer na terra. Não receberam nenhum benefício para edificarem suas casas e inicialmente construíram pequenos barracos de palha improvisados para se alojarem. Aos poucos, eles foram construindo suas casas, mas os primeiros meses no assentamento foram de angústia para todas as famílias assentadas.



Figura 66. Assentamento Wálter Arce. Bujari – Acre. Santana, F. M.

Os seringais do Mamu foram submetidos a um estado de balbúrdia e belicosidade, enquanto isso as áreas diplomáticas dos dois países agiam como que abdicando ao seu papel constitucional, conduzindo ações abaçanadas e apáticas e contribuindo de forma negligente para que os ribeirinhos da Amazônia boliviana fossem definitivamente alijados daquele território fronteiriço.

Francisco de Souza Queiróz, brasiviano do seringal Providência do rio Mamu, nos disse que foram feitas várias promessas para o assentamento, mas não cumpriram nada. Ele nos conta que vivia num mundo e agora está vivendo em outro e para conseguir água, tiveram que cavar o próprio poço. Diante de todos esses atropelos e visivelmente emocionado, Francisco ainda encontra forças para falar e desabafa: - *"Pelo menos*

Asfixiados do desdém de uma exclusão social e execrados da terra mãe que os alojou, os seringueiros tornaram-se atrelados a um porto de passagem que tinha o imaculado berçário florestal como ponto de partida e o cadafalso humano como ponto final.

Nessa passagem antagônica do dadivoso ao caos, muitos caíram na postergação e acabaram renunciando à pertinácia pela terra. Agora, os brasivianos, estão lutando para se adequarem à novos modos de vida.

PORONGAS DA CONSCIÊNCIA



Figura 67. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

O afrontoso ato de matar provoca o mais horripilante distanciamento entre a vida e o ser. Essa aversão ao outro, asfixia o direito à liberdade e se torna uma espécie de extirpação e alijamento aos valores benevolentes da alma humana.

Nesse cadafalso da consciência, o homem sobrevive imbricado num estágio inescrupuloso de belicosidade, ao tempo em que anuncia e deflagra um verdadeiro estado de guerra a natureza exuberante.

Mas os povos tradicionais da floresta não se renderam à dominação esdrúxula, e partiram para o enfrentamento contra os opressores, e dessa forma construíram os heroicos empates em defesa da Florestania amazônica.

O seringueiro não se rendeu, ele foi à luta, e de forma consciente conquistou o imaculado direito de continuar vivendo ao lado da mãe terra suntuosa. Com a sua inseparável poronga, o seringueiro tornou-se um ser sagradamente iluminado. Para o escritor acreano Raimundo Ferreira, a poronga é uma lamparina com armação para encaixar na cabeça de fabricação artesanal e feita de flandre. Para Pedro Ranzi, a poronga é uma lamparina que o seringueiro prende à cabeça quando sai para cortar a seringueira em plena madrugada.

O remanescente seringueiro continua lutando em busca de uma vida melhor, e continua amando e preservando o palco dos concertos florestais sob o canto protetor da mãe-d'água amazônica. Homem e mata são assim indissociáveis da cotidianidade da vida, e são indissociáveis das porongas da consciência.

RIO MAMU - PANDO - BOLÍVIA - PARTE I



Figura 68. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Os rios mais conhecidos do Departamento de Pando são: Acre, Abuná, Orthon, Manuripi, Tahuamanu e Madre de Dios. Além de outros rios, existe o rio Mamu, também conhecido por Manu ou Mapiri, e que é objeto de estudo desta pesquisa. O rio Mamu tem aproximadamente 166 km de extensão e é um dos principais afluentes do rio Abunã, que possui uma extensão aproximada de 375 km. Além do rio Mamu, o Abunã possui também outros importantes afluentes, tais como, Negro, Kharamanu, Rapirrán e Chipamanu.

O rio Mamu tem sua foz no Município de Santos Mercado – província Federico Román[1], e nasce no Município de Santa Rosa Del Abuná[2] – província de Abuná, conforme mapa abaixo da caracterização da área de estudo.

1 A província do general Federico Román é uma província do departamento de Pando, na Bolívia. Esta província tem uma área de 13.200 km², sendo a segunda maior área do departamento e uma população estimada para o ano de 2006 de 3.045 habitantes e uma densidade de 0,23 hab / km² sendo uma das mais baixas do país. Recebeu seu nome em homenagem ao herói militar Federico Román.

2 A Província de Abuná que fica localizada no Departamento de Pando. Suas fronteiras se estendem ao Norte com o Brasil, a Leste com a Província de Federico Román, a Oeste com a Província de Nicolás Suarez e ao Sul com a Província de Manuripi. Sua população em 2005 era de 3.475 habitantes, e em 2010, atingiu 3.729 habitantes. Sua capital é a cidade de Santa Rosa del Abuná.

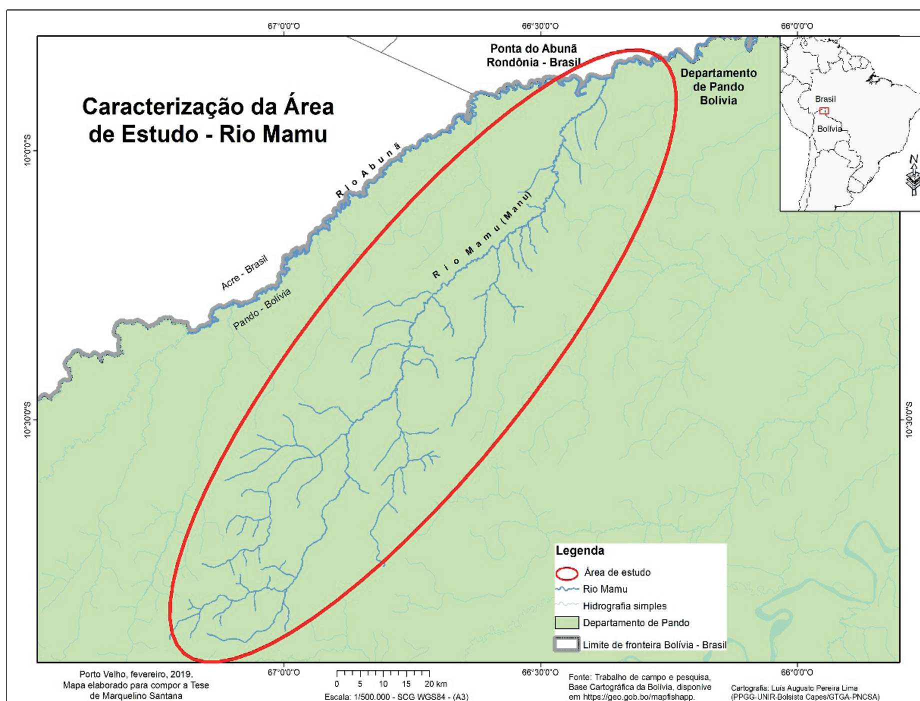


Figura 69. Mapa do rio Mamu. Santana, F. M.

Depois de percorridos aproximadamente 195 km da sua nascente, o rio Abunã receberá as águas escuras de mais um importante afluente: o rio Mamu. O encontro dessas águas e o encantamento da floresta banhada por onde se estende as águas do Mamu, carregam no seu bojo uma notável história de colonização ocorrida durante os dois grandes ciclos da borracha da Amazônia e que de forma brilhante resiste até hoje aos avanços avassaladores da era da globalização, preservando uma rica biodiversidade existente nos seringais nativos da região pandina boliviana.

O rio Mamu é um dos mais belos afluentes do rio Abunã e preserva uma riqueza histórica ainda pouco conhecida no cenário binacional Brasil-Bolívia. A presença do homem seringueiro nos seringais do rio Mamu tem, portanto, um longo percurso histórico de luta e sobrevivência que demonstra importante relação entre o homem e a natureza e sua relevante posição fisiográfica e humana no heterogêneo mundo amazônico.

A floresta brasiviana tem no encontro dessas águas uma importante marca que contribui na formação identitária dos homens seringueiros. A floresta possui um majestoso espaço cosmogônico munido de presentificações e representações simbólicas edificadas pelo imaginário humano ribeirinho.

A foz do rio Mamu brilha diante de um magnífico encontro de águas que brincam com suas cores liquidas. Águas amareladas e negras se encontram, se misturam, se abraçam e

constituem uma tonalidade negro amarelada que provoca e promove o surgimento peculiar, prazeroso e sublime de um momento majestoso da natureza na fronteira Brasil/Bolívia.

As cores que brotam deste encontro maravilhoso de águas são também observadas em silêncio pela cor verdejante da deslumbrante mata de suas margens. Após o encontro das águas, as águas do rio Mamu mudam de cor e tornam-se mais claras num tom quase azul-verdejante.

O rio Mamu, apesar de suas belezas exuberantes, é considerado um rio Muito perigoso em sua navegação, principalmente em épocas de verão, quando as águas baixam e diversas toras de madeira ficam caídas no leito e nas margens do rio. É um rio de grandes curvaturas, e as manobras tornam-se bastante arriscadas.

RIO MAMU - PANDO - BOLÍVIA - PARTE II



Figura 70. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

Os migrantes chegaram aos seringais amazônicos carregados de pertencimentos atrelados à cotidianidade da caatinga do sertão nordestino. Um conjunto de valores que também foram migrados na impregnação da alma do ser do ente do sertão. Mas como a identidade não é estática, ela flui, tornando-se dinâmica e sendo transformada no espaço de ação do ente. A identidade sertaneja seria a partir daquele momento metamorfoseada na identidade seringueira brasiviana. Este secular imbricamento seria no espaço e tempo originado no rio Mamu.

O rio Mamu possui uma diversidade de extensos seringais na região pandina boliviana, desde sua nascente no Município de Santa Rosa Del Abuná na província de Abuná, até a sua foz, no Município de Santos mercado na província de Federico Román.

Partindo da sua foz, iremos encontrar o primeiro seringal do Mamu: O seringal Carolinda, que foi abandonado por uma família de brasileiros que ali residiam. Dona Maria, como era conhecida pelos demais seringueiros, voltou ao Brasil em busca de terra no seu próprio país, e hoje se encontra morando num assentamento no Sul de Lábrea.

Em seguida, e continuando a percorrer o rio Mamu, iremos chegar ao seringal Pedro Porto. Logo adiante avistaremos outros grandes seringais localizados às margens do rio Mamu: o seringal Cumaru; a colocação Passarinho; o seringal Barca Farol; o seringal Bacaba; o seringal Santa Rita e mais adiante os seringais Palmares e Pedra Chorona, localizado na comunidade Puerto Bolivar.

Outros antigos seringais do rio Mamu também embelezam as suas águas, como veremos nas denominações a seguir: Santo Antônio, Baixa Verde, Arraial, Cachoeirinha, Providência, Tabocal, Cabeluda, Barro Alto, Saúbal, Onça, Castanheira, Companhia, Primavera, Buriti, Porto Barba, Casa de Barro, Palmares II e Mapiri.

Logo acima do seringal Mapiri, o rio Mamu recebe as águas do Igarapé Todos os Santos, e após o Mapiri, virão os seringais Potossi e Jerusalém, que já ficam localizados nas proximidades de sua nascente.

Depois de Potossi e Jerusalém encontra-se uma região pantanosa não navegável, onde predomina uma extensa área composta principalmente da Palmeira Buriti. Depois desta área pantanosa encontra-se uma pequena comunidade denominada Teduzara que fica localizada às margens do rio Orthon.

UM ENCONTRO DE ÁGUAS BRASIVIANAS NA FRONTEIRA BRASIL - BOLÍVIA



Figura 71. Fronteira Brasil – Bolívia. Santana, F. M.

O harmonioso e embelecido mundo das águas torna-se mais fabuloso e fascinante quando a natureza estetizante nos presenteia com um encontro deslumbrante de cores líquidas entre as correntezas dos rios Mamu e Abunã na Amazônia brasileiro – boliviana.

O encontro intermulticultural ensina a humanidade como viver com tolerância e brandura e como viver sem altercação, insolência e xenofobia. Nesse colossal e brioso entrelaçamento da floresta brasiviana, as águas escuras do Mamu se imbricam com as águas amareladas do Abunã, e nesta transcendental comunhão de complacência e suntuosidade da fronteira transcendental, elas brilham de forma prodigiosa, ensinando as nações à viverem sem mácula, ódio ou conspiração doentia.

O rio Mamu nasce no Município de Santa Rosa del Abuná, atravessa radiante o Município de Ingavi até chegar a sua foz no Município de Santos Mercado. Os três municípios pertencem ao Departamento de Pando na Bolívia. Depois de percorridos aproximadamente 164 km, esse caudaloso rio despeja suas águas inebriantes no rio Abunã, mais especificamente na Região da Ponta do Abunã – Município de Porto Velho – Rondônia – Brasil.

A empatia sublime e encantatória das águas brasivianas tem na alma de suas coletividades tradicionais uma divinal heterotopia de pertencimento de lugar. O lugar com suas simbologias e representações apropria-se viscosamente de suas encantarias florestais, de suas memórias coletivas e dos sentimentos de enraizamento sócio – linguístico – cultural de seus devaneantes modos de vida.

O encontro das águas afasta da alma humana os estereótipos e estigmatizações oriundos de um marco divisor xenófobo e reacionário que mutila e fere os beneplácitos processos de paz entre os povos singulares e plurais da humanidade planetária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Alberto. O bem viver – uma oportunidade para imaginar outros mundos. Editora Elefante, São Paulo, 2018.

ARKONADA, Katu. Descolonização e viver bem são intrinsicamente ligados. IHU. On-line, 2010.

AB SABER, Aziz N. **Os domínios da Natureza no Brasil: Potencialidades paisagistas.** São Paulo: Ateliê, 2003.

ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. **Sociedades caboclas amazônicas: Modernidade e Invisibilidade.** 1º edição. São Paulo: Annablume, 2006.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B de. **Exportações das tensões sociais na Amazônia: Brasivianos, Brasuelanos e Brajolas – Identidades construídas no conflito**. São Paulo, Travessia – Revista do Migrante – CEM, ano VIII, nº 21, janeiro – abril, p. 28 – 31, 1995.

ALMEIDA SILVA**. Territorialidades, identidades e marcadores territoriais Kawaib da Terra Indígena Uru – Eu – Wau – Wau em Rondônia.** São Paulo. Paco Editorial, 2015.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

______. **A Poética dos Devaneios**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

______. **A Terra e os Devaneios da Vontade.** São Paulo, Martins Fontes,1989.

______. **A Agua e os Sonhos**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

BANIWA, André Fernando. Bem viver e viver bem – segundo o povo Baniwa do Noroeste amazônico brasileiro. VIANA, João Jackson Bezerra; LUBEL, Aline Fonseca. (ORG). Curitiba, Editora UFPR, 2020.

BAKHTIN, MIKHAIL. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo. Editora HUCITEC, 1986.

________________. **Problemas da poética de Dostoievski**. 3ª edição. São Paulo: Forense Universitária, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

BAHIA, Cláudio Listher Marques. **Identidade, lugar e paisagem cultural.** In: **3º Colóquio Ibero – Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto – Desafios e Perspectivas.** Belo Horizonte: PUC Minas, Setembro, 2014.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BECKER, Berta Ge**opolítica da Amazônia: A nova fronteira de recursos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

BLACHE, Paul Vidal de La. **Da interpretação geográfica das paisagens (1908).** Neuviéme International de Géographie. Compte rendu dês travaux Du Congrés, Genebra. Societé general d'imprimerie (18), 1911, pp. 59-64. Tradução: Guilherme Ribeiro. HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sérgio Nunes; RIBEIRO, Guilherme. (ORGS). In: **VIDAL, VIDAIS. TEXTOS DE GEOGRAFIA HUMANA, REGIONAL E POLÍTICA.**Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

BUSS, Alcides. **Cobra Norato e a especificidade da linguagem poética.** Florianópolis, Fcc Edições, 1981.

CARVALHO, Carlos. **História Social da Borracha – Seringueiros do Acre.** Porto Alegre, Ed. Do Autor, 2005.

CASSIRER, Ernest. **Linguagem e mito**. São Paulo. Perspectiva, 1992.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo, Paz e terra, 1999.

CITELLI, ADILSON. **Linguagem e persuasão**. São Paulo, Editora Ática, 2007.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis, Editora UFSC, 2014.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia.** Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

CLAVAL, Paul. **Espaço e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

COHEN, Jean. **Estrutura da linguagem poética.** São Paulo, Editora Cultrix, 1974.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia política e geopolíticas: discursos sobre o território e o poder.** 2ª edição. São Paulo, Ed. USP, 2008

DANTAS, Kelen Gleysse Maia Andrade. **Nas Fronteiras da "Terra Prometida": trajetórias de trabalhadores rurais do alto Acre.** Dissertação de Mestrado**,** Rio Branco**,** 2009.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. São Paulo, Perspectiva, 2015.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante – saber pensar e intervir juntos**. Brasília, Líber livro, 2004.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo, Editora Atlas S.A, 2009.

ESTEVES, B. M. G. **A Hierarquização dos Espaços Agrários na Amazônia Sul-Ocidental,** Presidente Prudente: Revista..Nera, A. 8, N.7, 2005.

FERREIRA, José Fernandes. **Filosofia da reflexão poética**. 1ª edição. Impressão particular. Fortaleza, 1988.

FILHO ERNESTO, Pedro. **Por dentro da cantoria.** 1ª edição. Fortaleza: Ademir Costa editor. Centro Cultural Banco do Nordeste, 2013.

_____________________. **Cidadania do repente**. 1ª edição. Fortaleza: Programa cultura da gente. Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

FREITAS, Norma Sueli Simeão. **Os "Soldados de cristo": Igreja e migração para a Amazônia em tempos de guerra** (1942 – 1943). Fortaleza, 2015.

GOIS, Sarah Campelo Cruz. **O Núcleo do Porangabussu a partir de suas moradoras**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho, 2011.

FOCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Gabarrón, Luís R; Landa, Libertad Hernandez**. O que é pesquisa participante**? In: **Pesquisa participante – o poder da partilha**. Brandão, Carlos Rodrigues; Streck, Danilo Romeu. Ideias e letras, São Paulo, 2006.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento.** São Carlos – SP. Pedro & João editores, 2010.

______________________. **Ancoragens: Estudos Bakhtin anos.** São Carlos: Pedro & João editores, 2010.

GEGE – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. Arenas de Bakhtin: Linguagem da Vida. São Carlos: Pedro & João editores, 2008.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais.** Porto Alegre. Artmed, 1997.

GIROUX, Henry A. **Atos impuros: a prática política dos estudos culturais.** Porto Alegre, Artmed Editora, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário**. O que quer o que pode esta língua?** In: Correa, Djane Antonucci. **A Relevância Social da Linguística: Linguagem, Teoria e ensino.** São Paulo. Parábola, 2007.

GEBARA, Ana Elvira Luciano**. A poesia na escola: Leitura e análise de poesia para crianças**. São Paulo, Cortez Editora, 2002.

GNERRE Maurizio. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo. Martins Fontes, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **Regional – Global: Dilemas da região e da regionalização da Geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

____________**. O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2016

____________. **Latifúndio e identidade regional.** Porto Alegre, Mercado aberto, 1988.

____________. **Viver no limite.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2014.

____________. **Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo.** Niterói, EDUFF, 1998.

___________. **Blocos internacionais do poder.** São Paulo, Contexto, 1994.

__________. GONÇALVES-PORTO, Carlos Walter, A **nova desordem mundial.** São Paulo, Ed. UNESP, 2005.

Hall, Stuart**. A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Lamparina, 1992.

________. Ética na política. In: **No mundo da linguagem**. SSEVERO, Cristine Gorski; Paula, Adna Cândido; São Carlos, Pedro & João Editores, 2010.

HENRIQUES, Isabel Castro**. Percursos da Modernidade em Angola. Dinâmicas comerciais e transformações Sociais no século XIX.** Lisboa, IICT/ICP, 1997. Versão portuguesa de Commerce et changement en Angola au XIXe siècle. Imbangala et Tshokwe face à la modernité. Paris, L'Harmattan, 1995 ,2 volumes; "L'urbanisation commerciale en Angola au XLXe siècle", in Universo urbanístico português 1415-1822, Lisboa, CNCDP, 1998, pp. 313- 330; **"Comércio e organização do espaço (c. 1870-1950)", inActas da III Reunião Internacional de História de África- A África e a instalação do sistema colonial,** 1885-1930, Lisboa, nCT, 2000, pp. 71-90.

HENRIQUES, Isabel Castro. **Território e Identidade. A construção da Angola colonial (c. 1872-c. 192Ó).** Lisboa, CHUL, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

_________. **Que é isto filosofia? Identidade e diferença**. São Paulo, Lumiar das cidades, 1971.

_________. **Os problemas fundamentais da Fenomenologia**. Petrópolis, Editora vozes, 2012.

________. **Ontologia – Hermenêutica da facticidade.** Petrópolis, Editora vozes, 2012.

________. **Ser e verdade**. Petrópolis, Editora vozes, 2012.

_________. **Marcas do caminho**. Petrópolis, Editora vozes, 2012.

________. **Sobre a essência da linguagem**. Petrópolis, Editora vozes, 1999.

________. **A essência da liberdade humana: Introdução à Filosofia.** Rio de Janeiro, Viaverita Editora, 2012.

HOLZER, Werther. **A discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente.** In: Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, (7), 1996, p. 70

HOLZER, Werther. **A discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente.** In: Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, (7), 1996, p. 70

HOLZER, Werther. Mundo e lugar: Ensaio de Geografia fenomenológica. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

KOPENAWA, Davi. Albert, Bruce. Palavras de um xamã Yanomami. Companhia das Letras, 2015.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE. Tabela 2.8.1 – **População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo as mesorregiões.** As microrregiões, os municípios e os distritos. Rondônia, 2010.

Jornal – **O Estadão do Norte. Famílias brasileiras estão em poder de 'guerrilheiros' bolivianos.** Antônio Araújo Queiroz**.** Matéria exibida em 203/01/2008.

Jornal Folha de São Paulo. Matheus Pichonelli, 2008.

LESLIE, Paul Thiele**. Martin Heidegger e a política pós-moderna**. Lisboa, Instituto Piaget Editora, 1995.

LIMA, Geórgia Pereira. **Brasivianos: Culturas, fronteira e identidades**. XXVIII Simpósio Nacional de História, 27 a 31 de julho, p. 10, Florianópolis – SC, 2015.

LINS, A. Estellita. **Linguagem Internacional e Diplomacia**. Brasília: Escopo Editora, 1987

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma poética do Imaginário.** São Paulo, Escrituras, 2001.

MARTINS, José de Souza**. Fronteira – A degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo, Editora contexto, 2009.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo: Educação como poíesis**. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

MACLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico.** 2ª edição. São Paulo: Cortez editora, 1999.

_______________. **Multiculturalismo revolucionário**: **Pedagogia do dissenso para o novo milênio.** 1ª edição. Porto Alegre; Artmed editora, 2000.

MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

MARANDOLA Jr, Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

MERLEAU – PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo, Martins Fontes, 2015.

Ministério das Relações Exteriores – MRE. **Instrumento executivo entre o Governo da República Federativa do Brasil, o Governo da República da Bolívia e o escritório regional para o Cone Sul da Organização Internacional para Migrações (OIM)**. Brasília – DF, 2008.

MIRANDA, Everton; NABOZNY, Almir. **Paisagem e Identidade**. In: **Anais Semana de Geografia.** Ponta Grossa:UEPG, Vol. 1, Nº 1, p. 111-115, 2014.

MORAES, Raquel de Almeida. É possível uma linguagem critica na educação? Brasília. Revista linhas crítica/UNB. Volume 12, Número 203. Dez/2006.

MOLES, ABRAHAM. **O cartaz**. São Paulo, Perspectiva, 2005.

MORGA, Antônio Emílio. **Violência masculina no mundo do seringal**. Ponencia presentada en el V Coloquio de Estudios de Varones y Masculinidades. 14-16 enero 2015, Santiago de Chile.

MORGA, Antônio Emílio; LAGE, Mônica Maria Lopes. **Vidas cotidianas das mulheres nos seringais do Amazonas.** Santiago. Revista del CEHIM, ANO 10, Nº 10, Nueva época, 2014.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças, S. **O Espaço Ribeirinho**. São Paulo, Terceira Margem Editora Ltda., 2000.

OLIVEIRA, Lívia. **O sentido de lugar.** In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

PROCÓPIO, Argemiro. (ORG). **Relações internacionais: Os excluídos da arca de Noé.** São Paulo: Hucitec, ,2005.

Projeto Ética e cidadania. Escola Jayme Peixoto de Alencar. **Arquivos históricos**. Extrema - RO, 2005.

RANZI, Pedr. **Vamos falar o acreanes.** Rio Branco, Edufac, 2017.

RELPH, Edward. **Reflexões sobre a emergência, Aspectos e Essência de Lugar.** In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

www.onoticiaro.com.br Nelson Townes. Porto Velho – Rondônia.

www.rondoniaovivo.com.br, **A sentinela do Abunã. A História de Francisca.** Matéria exibida no site em 02/06/2012.

SANTANA, Carlos César; SOUZA, Israel Pereira Dias de. **Disputas e reconfigurações territoriais na Amazônia-boliviana: um estudo sobre o Departamento de Pando.** II encontro da sociedade brasileira de sociologia da Região Norte – 13 a 15 de setembro de 2010. Belém.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (ORG). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma concepção multicultural de direitos humanos.** Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e centro de estudos sociais. Revista crítica de ciências sociais, junho/1997.

SANTOS, Milton**. A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Jandir Silva dos. **Filosofando**: revista de filosofia da uesb. ANO 1, número 1, janeiro-junho de 2013, ISSN: 2317-3785.

SAUER Sérgio; WELLINGTON Almeida. (ORG). **Terras e territórios na Amazônia: demandas, desafios e perspectivas.** 1º edição. Brasília:

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma abordagem territorial.** In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos.** São Paulo, Editora Expressão Popular, 2009. Editora UNB, 2011.

SARAMAGO, Lígia. Como ponta de lança: **O pensamento do lugar em Heidegger.** In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

SECRETO, Maria Verónica. **Soldados da Borracha**. 1ª edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.2007.

SEEMAN, Jorn. Tradições humanistas na cartografia e a poética dos mapas. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim**. O compromisso da Pós-Graduação em Educação com o conhecimento e com a prática na formação do Professor**. In: **Pensando a Pós-Graduação em Educação.** Piracicaba, Editora UNIMEP, 1996.

SILVA, F. C. **Geografia e poesia lírica: considerações sobre A poética do espaço, de Gaston Bachelard.** GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 060 - 075, 2015.

SILVA, Josué da Costa. **Mito e lugar** – Parte V. Revista de educação, cultura e meio ambiente- set. –Nº 13, Vol. II, 1998.

SILVA, Josué da Costa Silva. **Cuniã: Mito e lugar**. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, São Paulo, 1994.

SILVA, Sidney Antônio. (ORG). **Migrações na Pan – Amazônia: Fluxos, fronteiras e processos socioculturais.** São Paulo, Hucitec, 2012.

SILVA, Sílvio Simione da. **Resistencia Camponesa e Desenvolvimento Agrário – uma análise a partir da realidade amazônico-acreana.** Rio Branco, EDUFAC, 2011.

SIDEKUM, Antônio. **Alteridade e Multiculturalismo**. Ijuí, editora Unijui, 2003.

SCHMIDT, M. L. S. **Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas.** Psicologia USP, v. 17, n. 2. São Paulo, 2006.

SUERTEGARAI, Dirce Maria Antunes; PAULA, Cristiano Quaresma de; PIRES, Cláuia Luisa Zeferino; SILVA, Charlei Aparecido da Silva; **Orlando Valverde – O geógrafo e sua obra.** 1ª edição. Porto Alegre: Geociências – UFRGS, 2017.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** São Paulo, editora ática, 2008.

SOBOTTKA, Emil; EGGERT Edla; Streck, Danilo R. **A pesquisa como mediação político – pedagógica – Reflexões a partir do orçamento participativo. In: Pesquisa participante – o poder da partilha.** Brandão, Carlos Rodrigues; Streck, Danilo Romeu. Ideias e letras, São Paulo, 2006.

SOUZA, Raimundo F**. Arigó**. São Paulo, Scortecci, 2004.

SOUZA, Charles Benedito. **Geopolítica na Pan – Amazônia: Territórios, fronteiras e identidades.** Revista geoamazônica, N. 2. V.01. Belém. 2014.

SOUZA, C. Alberto. **História do Acre – Novos temas, Nova abordagem**. Autor & Editor, Rio Branco, 2006.

WAGNER, Philip L; MIKESELL, W Marvin. **Os temas da Geografia cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny.**Introdução a Geografia Cultural.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

WOLFF, Cristina Scheibe**. Mulheres da Floresta: outras tantas histórias**. Revista Estudos Amazônicos • vol. VI, nº 1 (2011), pp. 21-40

TUAN, Yi-Fu. ***Espaço e lugar***. São Paulo: Difel, 1983.



FRANCISCO MARQUELINO SANTANA: Doutor em Geografia Pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Campus Porto Velho e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa dos Modos de Vida e Cultura Amazônica – GEPCULTURA, do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UNIR e pesquisador sobre Geografia Poética, bem viver e Fenomenologia Poética Ontológica das populações originárias e tradicionais da Pan – Amazônia. Professor, poeta, escritor, cronista e colunista dos sites newsrondonia.com.br e ecoamazonia. Marquelino Santana reside no distrito de Extrema – Município de Porto Velho no Estado de Rondônia e é autor de importantes obras, tais como: Poemas da Vida Amazônica (trilogia poética); Seringueiros brasivianos do rio Mamu; Crônicas da Pan – Amazônia e Amazônia Castigada, dentre inúmeros artigos e capítulos de livros publicados. O autor é ainda membro – comendador da Câmara Brasileira de Cultura e pesquisador do grupo de pesquisa Geografia Política, Território, Poder e Conflito da Universidade Estadual de Londrina.

A Amazônia embelecida e estetizante está perdendo o seu deslumbramento e esplendor diante do avanço desenfreado do capital exacerbado que cotidianamente asfixia e encurrala as populações originárias e tradicionais do seu habitat natural.

Condenadas e extirpadas a contínuas desterritorializações, essas briosas coletividades continuam resistindo aos ataques avassaladores do neoliberalismo delituoso e da degradação horripilante do desdém da globalização em ascensão. Os efeitos hostis dessas ações desregradas e excludentes, coloca a florestania em estado de incúria e descalabro, promovendo de forma ardilosa o advento esdrúxulo e espoliador da inépcia institucional vigente.

Os povos da floresta estão condenados ao malogro e ao labéu da mendicância, enquanto os seus ancestrais modos de vida são perniciosamente obliterados pela força pugnaz do capitalismo e pela negligência estatal desregrada que sem comiseração, tolerância e brandura, corriqueiramente, contribuem para o clarividente apogeu do ecocídio planetário.

As almas amazônicas estão sendo criminalmente desalojadas do brioso ato de ser, o dilaceramento das relações entre o homem e a natureza são visíveis e as memórias coletivas do lugar estão caindo odiosamente na invisibilidade social execrável.

O espaço vivido do ontológico mundo sócio-linguístico-cultural padece diante de estereótipos e estigmatizações, oriundos de uma sociedade envolvente reacionária que continua promovendo seus embrutecidos ataques a uma Amazônia singular e plural.

Atena
Editora
Ano 2024

A Amazônia embelecida e estetizante está perdendo o seu deslumbramento e esplendor diante do avanço desenfreado do capital exacerbado que cotidianamente asfixia e encurrala as populações originárias e tradicionais do seu habitat natural.

Condenadas e extirpadas a contínuas desterritorializações, essas briosas coletividades continuam resistindo aos ataques avassaladores do neoliberalismo delituoso e da degradação horripilante do desdém da globalização em ascensão. Os efeitos hostis dessas ações desregradas e excludentes, coloca a florestania em estado de incúria e descalabro, promovendo de forma ardilosa o advento esdrúxulo e espoliador da inépcia institucional vigente.

Os povos da floresta estão condenados ao malogro e ao labéu da mendicância, enquanto os seus ancestrais modos de vida são perniciosamente obliterados pela força pugnaz do capitalismo e pela negligência estatal desregrada que sem comiseração, tolerância e brandura, corriqueiramente, contribuem para o clarividente apogeu do ecocídio planetário.

As almas amazônicas estão sendo criminalmente desalojadas do brioso ato de ser, o dilaceramento das relações entre o homem e a natureza são visíveis e as memórias coletivas do lugar estão caindo odiosamente na invisibilidade social execrável.

O espaço vivido do ontológico mundo sócio-linguístico-cultural padece diante de estereótipos e estigmatizações, oriundos de uma sociedade envolvente reacionária que continua promovendo seus embrutecidos ataques a uma Amazônia singular e plural.

Atena
Editora
Ano 2024